

Le 27 MARS 2018

Nº 0132 Login Contact



Pesquisa simples

Insira aqui o(s) termo(s) de pesquisa...

Pesquisar

FICHA DE PATRIMÓNIO IMATERIAL

Bibliografia

Documentação

Proponente

Processo Inventariação

PATRIMÓNIO ASSOCIADO

N.º de inventário:	INPCI_2017_001				
Domínio:	Práticas sociais, rituais e eventos festivos				
Categoria:	Festividades cíclicas				
Denominação:	Festa de Carnaval dos Caretos de Podence				
Outras denominações:	Carnaval de Podence, Caretos de Podence, Entrudo dos Caretos, Entrudo Chocalheiro				
Contexto tipológico:	A festa de Carnaval dos Caretos de Podence insere-se no quadro das festas de mascarados que ocorrem no ciclo do inverno, que estão, no contexto geográfico português, associadas à região nordeste do país e que incidem sobretudo no Natal, Ano Novo e Carnaval. Este evento ritual tendo origem no chamado “tempo longo”, de organização da vida em função dos ritmos do ciclo agrícola, reporta às festas de celebração do final do ciclo de inverno e início do ciclo produtivo da primavera, exercendo funções de restabelecimento da ordem natural e social no contexto daquelas sociedades agrárias. Singular relativamente a outras festividades de Carnaval realizadas noutros pontos do país e adaptando-se a um contexto socioeconómico pós-rural, a festa de Carnaval dos Caretos de Podence assume hoje particularidades próprias, através dos seus elementos – a máscara e o fato –, dos comportamentos que caracterizam o ritual e os protagonistas da festa, os mascarados, conhecidos como “caretos”, e da sua função social atual, assumindo um formato distintivo e único.				
					16 imagens 
Contexto social:	Comunidade(s): Habitantes e descendentes da aldeia de Podence Grupo(s): Grupo de Caretos de Podence (Associação) Indivíduo(s): mascarado/careto				
Contexto territorial:	Local: Podence Freguesia: Podence Concelho: Macedo de Cavaleiros Distrito: Bragança País: Portugal. NUTS: Portugal \ Continente \ Norte \ Alto Trás-os-Montes				
Contexto temporal:	Periodicidade: Anual Data(s): Decorre entre Domingo-Gordo e a Terça-Feira de Carnaval que antecede em 47 dias o Domingo de Páscoa, fixando-se a data das celebrações de Carnaval entre 3 de fevereiro e 9 de março.				
Caracterização síntese:	A festa de Carnaval dos Caretos de Podence é um ritual que se caracteriza pelo comportamento específico dos seus protagonistas mascarados, os “caretos”. Nas suas “sortidas à rua” (em regra, nos três dias de Carnaval), os caretos, percorrem a aldeia tendo como principal missão chocalhar as mulheres. Este ritual festivo que é também caracterizado pelo convívio entre vizinhos, amigos e familiares, foi num contexto passado, de que dá conta a memória dos residentes mais velhos na aldeia, protagonizado essencialmente pelos rapazes e homens solteiros, cujo alvo eram as jovens raparigas e mulheres solteiras, tendo portanto uma função propiciatória, de passagem e de comportamento erótico-sexual. Fruto da alteração profunda do contexto socioeconómico dos meios rurais o perfil sóciodemográfico dos caretos de Podence sofreu adaptações que facilitaram a sobrevivência e a manutenção da festa. Os fatos de careto são hoje vestidos por homens e rapazes de várias idades, independentemente do seu estado civil. Hoje também as crianças participam no ritual, mascaradas de “facanitos” que assumem o papel de aprendizes dos caretos, e, em função do “empoderamento” da mulher na sociedade portuguesa, há uma cada vez mais consentida participação das raparigas. Os protagonistas da festa, por imperativos demográficos, são também maioritariamente emigrantes e migrantes, sendo este um momento do ano que promove a reunião familiar e vicinal, gerando sentimentos de pertença cultural e territorial. A festa é neste sentido promotora de um diálogo intergeracional, que tem permitido a sua transmissão e fortalecido a sua continuidade. Com o objetivo de preservar a manifestação e garantir a sua continuidade prática, forma-se em meados dos anos 80, um grupo de Caretos de Podence que é habitualmente convidado a apresentar-se, várias vezes durante o ano, noutros contextos festivos ou em eventos de natureza muito diversificada, como festas populares, cortejos, ou performances de palco, dentro e fora do país. Estas apresentações são uma forma de divulgação e promoção que antecipa a festa que acontece em Podence no Carnaval, ao mesmo tempo que têm promovido a identificação cada vez maior da festa como um símbolo da “cultura tradicional portuguesa” atraindo muitos visitantes. Hoje a aldeia é visitada durante o Carnaval por vizinhos das aldeias e cidades próximas, amigos e familiares, curiosos e turistas nacionais de todo o país e até visitantes internacionais. Ao longo dos três dias de celebração do Carnaval de Podence decorre um programa de atividades paralelas, como exposições que exploram a temática da festa, uma feira de produtos regionais e concertos de música tradicional, entre outras, voltadas quer para a comunidade, quer para a receção dos turistas e visitantes.				
Caracterização desenvolvida:	A festa de Carnaval de Podence caracteriza-se especificamente pela “sortida” dos caretos (1), nome pelo qual são conhecidos os homens e rapazes mascarados, que correndo e pulando pela aldeia durante aquele período festivo (em regra, entre Domingo-Gordo e Terça-feira de Carnaval (2)), têm como principal objetivo ao encarnarem o personagem mascarado, chocalhar as mulheres com ritmados movimentos de anca atingindo-as com os chocalhos que trazem pendurados à cintura. Entre as chocalhadas e a correria, os caretos tentam também “intimidar” os homens não mascarados, preferencialmente acertando-lhes na cara com as franjas da cauda do capuz do traje que usam. Este ritual festivo é também caracterizado pelo convívio entre vizinhos, amigos e familiares, pelo que ao longo das “saídas” dos caretos pelas ruas da aldeia, alguns habitantes lhes vão abrindo as portas de casa ou das adegas, oferecendo-lhes de beber e de comer, essencialmente vinho caseiro, pão e carnes de fumeiro tradicional. Assumindo o papel do mascarado, com todo o desregramento que				

lhes é permitido, fazem parte algumas "partidas" de Carnaval, como o roubo ocasional de algum fumeiro, ou o deitar cinzas às pessoas, entre outras brincadeiras consideradas inofensivas, como por exemplo ainda, as "cacadas" que se caracterizam por lançar, sem aviso prévio, alimentos para dentro das casas (como nozes ou farinha).

O seu comportamento mais característico, o movimento das "chocalhadas", interpretado como uma "simulação do ato sexual" alude a uma das dimensões mais específica desta festa. Este ritual festivo foi num contexto passado, de que dá conta a memória dos residentes mais velhos na aldeia e alguma textualização etnográfica, protagonizado essencialmente pelos rapazes e homens solteiros, cujo alvo eram as jovens raparigas e mulheres solteiras. O erotismo, implícito na atuação de chocalhar dos caretos hoje muito menos agressiva, é relatado pelos mais antigos, recordando a festa em meados do século XX, como uma forma de contacto físico entre rapazes e raparigas jovens que lhes era absolutamente vetado noutros períodos do ano, pela ordem social e os costumes morais a que atendiam. Hoje, num contexto de maior liberdade dos comportamentos e das sociabilidades, persistem as investidas sobre as raparigas e as mulheres ora como forma de manutenção das características da festa consideradas tradicionais, ora como usufruto da liberdade e licenciosidade ainda hoje consentidas e reconhecidas aos caretos.

Será esse característico comportamento provocatório/erótico dos caretos de Podence, que representaria a vincada diferença de papéis de género estabelecida no contexto das sociedades rurais agrárias (hoje muito mais diluída), e que ainda cria algumas "resistências" a que também as raparigas se vistam de caretos, embora a sua participação seja cada vez mais comum. Alegam, sobretudo os mais velhos, que a participação das raparigas contribui para a continuidade da tradição, ao passo que outros criticam a "irreverência" desta participação feminina temendo a perda do traço tradicional. Este debate interno e informal da comunidade (que não se cinge apenas à participação feminina, mas também ao próprio comportamento performativo dos caretos, entre outras questões características ou organizativas) pode ser entendido como um esforço de adaptação e continuidade de uma tradição antiga no contexto contemporâneo. Tal contexto deu também abertura à participação de rapazes e homens de todas as idades, independentemente do estado civil, ou dos descendentes da aldeia nascidos fora da localidade, e ainda das crianças, que assumem o papel de aprendizes vestindo fatos e máscaras similares aos dos adultos, e às quais chamam de "facanitos".

Do mesmo modo abriam-se também "portas" a um público exterior à aldeia, fazendo com que a interação dos caretos se estendesse a essas novas audiências. Atualmente a aldeia é visitada durante os dias de festa por vizinhos das aldeias e cidades próximas, amigos e familiares, curiosos e turistas de todo o país, da vizinha Espanha e alguns chegam já de terras mais longínquas (3). Qualquer mulher presente na festa, independentemente do seu estado civil ou idade, ou do estatuto de residência, é alvo das chocalhadas.

A caracterização atual deste ritual festivo carnavalesco está assim implicitamente relacionada com as transformações do mundo rural português, particularmente da recomposição do tecido social e da economia local, a partir de meados do século XX. Até esse momento, e tendo em conta uma organização socioeconómica dos meios rurais centrada na agricultura e nas profissões tradicionais, o conteúdo erótico que caracteriza o ritual carnavalesco de Podence e a abundância alimentar nos momentos de refeição durante a festa, podem também, ser interpretados à luz de uma perspectiva de antecipação da renovação/regeneração da fertilidade na natureza e do retorno da abundância no novo ciclo produtivo agrícola que se inicia com a primavera.

Hoje, a população de Podence vive muito mais dissociada do espaço agroflorestal enquanto fonte exclusiva de trabalho e rendimento. A população de residência permanente é maioritariamente idosa, tendo por isso, grande peso, nos rendimentos, as pensões e reformas. A prática agrícola é normalmente um complemento desses rendimentos. Por outro lado, os movimentos de população não se limitam ao despovoamento. Além dos emigrantes e migrantes que retornam sazonalmente, ou dos que retornaram nos últimos 20 anos para viverem o tempo de reforma, em Podence a grande maioria da população residente em idade ativa trabalha fora da aldeia, em localidades vizinhas, desempenhando profissões sobretudo do setor dos serviços. Há ainda os que morando na região regressam aos fins-de-semana. Existe portanto um novo contexto, de maior abertura ao exterior e de dependência da aldeia dos fluxos económicos que resultam destes movimentos da sua população. A festa é caracterizada por permanências e mudanças, refletindo um diálogo entre esse mesmo contexto de mudança e a vontade de manutenção da tradição por parte da população.

Funcionando como um referencial, para os descendentes e habitantes, do contexto histórico e social do passado recente da comunidade, a festa promove o reencontro e fortalece os laços sociais entre os seus residentes permanentes e os seus descendentes. O regresso periódico da população migratória é, por exemplo, em muitos casos, um compromisso com a continuidade da festa, reconhecida assim pela comunidade como símbolo cultural e identitário específico da localidade. O aumento nas últimas duas décadas do número de caretos que participam na festa está positivamente relacionado com o regresso pontual dos migrantes no Carnaval e com a sua valorização. Por outro lado, o interesse, de investigadores das ciências sociais, dos órgãos de comunicação social e dos turistas e curiosos, tem gerado também um fortalecimento desta relação entre a comunidade e o seu património festivo, intensificando-se consequentemente as iniciativas locais durante a reprodução anual da festa.

Na década de 80 surgiu no interior da Associação de Melhoramentos de Festas e Feiras um grupo de caretos de Podence que se constituiu formalmente como grupo associativo em 2002. Assumindo como missão a promoção e divulgação da tradição carnavalesca de Podence, o Grupo de Caretos de Podence, participa desde meados da década de 80 numa grande diversidade de eventos por todo o país e no estrangeiro. Em 2004, é inaugurado na aldeia, um espaço museológico, a Casa do Careto, aproveitando as antigas instalações da escola primária, onde são expostos uma série de elementos característicos da festa, como os fatos e máscaras e os teares tradicionais para a sua confeção. O espaço (aberto ao público, durante todo o ano) funciona também como sede da associação, auditório e galeria, transmitindo pontualmente filmes documentais sobre a festa, e expondo coleções de pintura e fotografia retratando o ritual. O Grupo assumiu ainda ao longo do tempo, a organização mais formal de um conjunto de atividades que decorrem ao longo dos dias de festa, voltadas quer para a comunidade, quer para a receção dos turistas e visitantes.

Efetivamente, os preparativos para a festa começam no ano anterior, com o planeamento deste programa de atividades paralelas que atualmente acompanham os três dias de ritual festivo do Carnaval de Podence. A

organização e o planeamento deste programa que inclui animação musical, uma feira de produtos regionais, degustação de gastronomia regional, passeios pedestres e de burro, entre outras atividades, está a cargo da Associação Grupo de Caretos de Podence, conta com a participação voluntária, e mais intensa nos dias que antecedem a festa, de várias pessoas naturais da aldeia, e também com o apoio logístico e financeiro da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros. Estes preparativos incluem, a instalação no recinto da escola primária de uma tenda, com instalação de palco e mesas, para realização de concertos e serviço de algumas refeições comunitárias; a instalação de barraquinhas para a feira de produtos regionais, a reorganização do espaço da Casa do Careto para desenvolvimento das atividades planeadas para o espaço durante os dias de festa (montagem de novas exposições, cerimónia de inauguração do evento, etc.), construção e montagem do “boneco” para a “Queimada” (bebida alcoólica servida Domingo à noite) e “Queima do Entrudo”, entre outros detalhes logísticos.

O crescimento da organização e a diversificação do programa da festa, particularmente desde a inauguração da Casa do Careto em 2004, tem impulsionado também um novo dinamismo económico de iniciativa local, como por exemplo, a reconstrução de casas vazias para desenvolver investimentos de turismo habitacional (4), ou a produção artesanal de alguns objetos associados à festa, como por exemplo, de máscaras essencialmente produzidas na aldeia mas também fora, e outros objetos de função meramente decorativa, postais ou estátuas em miniatura de caretos, para venda na Casa do Careto e em especial durante os dias de festa. A poucos meses do Carnaval, estas pequenas atividades locais começam também a preparar-se para a realização da festa.

Ao longo do ano, o Grupo de Caretos de Podence é habitualmente chamado a apresentar-se noutros contextos festivos ou em eventos de natureza muito diversificada, como festas populares, cortejos, ou performances de palco, dentro e fora do país. Estas apresentações são uma forma de divulgação e promoção, antecipando a festa que acontece em Podence no Carnaval, ao mesmo tempo que têm promovido a identificação cada vez maior da festa como um símbolo da “cultura tradicional portuguesa”.

Nesse sentido, a denominação “Entrudo Chocalheiro” deriva de uma iniciativa da Associação do Grupo de Caretos de singularizar a imagem “marca” da festa, diferenciando-a de outras festas de carnaval ou de mascarados e tornando-a, com esta denominação simplificada mais identificável e destacável quer pelos meios de comunicação social quer pelos operadores turísticos. De forma genérica, para a população, a denominação “Entrudo chocalheiro” é relativamente nova mas não estranha. Além desta denominação, a referência à festa faz-se habitualmente dizendo “Carnaval de Podence”, “Entrudo dos Caretos” ou simplesmente “Caretos de Podence”.

Paralelamente, ao longo do ano, vão igualmente sendo preparados os fatos e máscaras que serão utilizados durante o Carnaval. Os fatos e máscaras são uma componente central da festa, por se constituírem como elementos materiais distintivos, confirmando um dos aspetos da singularidade da festa reclamada pela população. Neste sentido, quer as alterações do contexto socioeconómico da aldeia, atrás referidas, quer a constituição formal do Grupo de Caretos de Podence e a subsequente representação mediática e turística da festa, tiveram influência na uniformização das características dos fatos e das máscaras. Por um lado, a maior disponibilidade económica e de recursos materiais, faz com que, os caretos possam atualmente “encomendar” fatos e máscaras, quando, anteriormente, estes eram essencialmente feitos pelos próprios ou com “ajudas” de familiares e amigos com recurso exclusivo aos materiais disponíveis no espaço da aldeia. Essa disponibilidade limitada de recursos era geradora de variações que dependiam também do engenho e da criatividade de cada um, sobretudo na feitura das máscaras.

Se hoje a máscara de lata pintada de vermelho, às vezes com contrastes ou detalhes a preto (barba, bigode, sobrelhas, ou cruces, que poderão remeter à simbologia cristã, e que de modo genérico a população atribui à transfiguração do mascarado em personagem diabólico), é a mais vulgarmente associada ao careto de Podence; no passado recente (como o comprovam, por exemplo, as máscaras que integram a coleção do Museu Nacional de Etnologia, e testemunhos da população mais idosa da aldeia) as máscaras eram feitas, de sobras de metal (aproveitando por exemplo contentores de combustível), madeira, cortiça ou couro (por exemplo, sobras de sapateiro).

Também os fatos, caracterizados por serem preenchidos por fileiras de franjas de lã de ovelha, coloridos, tingidos artesanalmente, efeitos a partir de colchas “de casinha” (padrão típico transmontano) tecidas na aldeia, passam a ser feitos a partir de outros materiais (por exemplo, lãs sintéticas e colchas de padrão diverso, adquiridas na feira), em consequência da escassez e/ou desuso dos recursos tradicionais. No entanto, na feitura dos fatos mantém-se o desenho “original” conhecido, e a utilização de cores atualmente mais comum, é o amarelo, o verde e vermelho, remetendo às cores da bandeira nacional (a par destas podemos encontrar ainda o azul, o rosa ou o preto em alguns fatos mais antigos).

O fabrico de fatos e máscaras, ao longo do ano, é ainda uma prática que gera e fortalece relações de interajuda. Em particular, o fabrico do fato, mais trabalhoso do que a máscara, é habitualmente feito percorrendo várias “mãos”. O processo começa com a aquisição de colcha e lã, passa pela feitura das franjas à mão ou em pequenos teares “de grade”, pelo corte e cozimento do fato (hoje feito por costureiras, fora da aldeia, após o desaparecimento da única alfaiataria que ali existia), e termina com o “enfranjar” à mão (cozimento das franjas no fato). Assim, até estar completo, o fato poderá incluir o trabalho de várias pessoas (dentro e fora da aldeia).

O impulso natural que este fabrico artesanal de fatos e máscaras recebe da realização anual da festa de Carnaval, é ainda muito importante para a dinamização local em torno da festa e a partilha de conhecimentos sobre esses “saberes fazer”. Os “produtores” das máscaras e das franjas ganharam com o tempo estatuto de artesãos e são assim vistos conjuntamente como os membros da comunidade transmissores de um conhecimento mais profundo sobre a festa e os elementos tradicionais associados a ela.

No entanto, em face da emigração da maioria da população e do envelhecimento da população residente, a esta mão-de-obra disponível na aldeia é associada mão-de-obra externa. A Associação do Grupo de Caretos de Podence tem assumido aqui um papel de mediador, e dando resposta a pedidos vindos da população descendente emigrada, tem contratado também a produção de fatos junto de outros artesãos da região (por

exemplo, costureiras da zona de Miranda do Douro, que habitualmente produzem também outros trajes regionais).

Já a produção de máscaras, cujo processo é mais simples e pode ser trabalhado apenas por uma pessoa, continua a ser maioritariamente assegurada pelos artesãos na aldeia, que as fabricam quer para os caretos, quer também para venda durante a festa, a turistas e visitantes, como elemento representativo e simbólico da festa. O fabrico da máscara, por ser um elemento do traje mais simples e de produção mais personalizável, sugere também uma maior dinâmica relacional entre os mais velhos e os mais jovens; quer porque os mais jovens procuram reproduzir traços tradicionais associados aos trajes antigos procurando para isso o saber dos mais velhos (é este por exemplo, o caso de um jovem que recentemente recuperou a confeção de máscaras em couro, feitas anteriormente pelo avô); quer porque introduzindo pequenas distinções vão “modernizando” o design da máscara ou inovando mesmo as técnicas de produção (retomando o exemplo anterior, ao mesmo tempo que recupera o fabrico artesanal de máscaras em couro, introduz novidades, como o uso de tintas, com cores menos habituais como o verde o amarelo ou o preto, e a utilização de novas ferramentas).

O traje do careto é completado ainda por duas bandoleiras de campainhas que cruzam na parte frontal do tronco e das costas, e por um conjunto de 4 a 8 chocalhos que levam à cintura. São estes elementos, também de produção artesanal e que hoje vem sobretudo da região alentejana, que produzem a sonoridade associada aos caretos, pautada pela correria e pela sua ação de chocalhar. Isoladamente ou em grupo o careto produz uma certa e particular “musicalidade” que segue os ritmos da sua ação física, anunciando por exemplo, a sua chegada, ou a vivacidade com que chocalha as pessoas.

Por vezes serve também de apoio à atuação do careto uma bengala ou um pau de ponta arredondada e saliente, utilizado para elevar o corpo quando saltam, para aceder às varas de fumeiro e roubar alguma chouriça, ou simplesmente para “brincar” e fazer barulho.

As máscaras, fatos e chocalhos, e bengalas ou paus, são também elementos que passam de geração em geração, e que servem de empréstimo entre familiares, amigos e vizinhos, circulando normalmente entre várias casas da aldeia durante a festa e/ou de ano para ano.

A poucas semanas da festa, os preparativos intensificam-se, quer os que respeitam à sua dinâmica mais formal, por exemplo, impressão, distribuição e divulgação do cartaz da festa, quer dos seus aspetos mais informais, como o planeamento do regresso dos familiares ou o remendar de fatos e repintar de máscaras.

No sábado, o dia antes do início da festa, ultimam-se na aldeia os preparativos, concentrando-se toda a ação no recinto da escola primária onde é instalada a tenda para os concertos e refeições, e junto à Casa do Careto, onde são erguidos os “bonecos” que serão queimados e preparada a carroça de bois para o “pregão casamenteiro”. A festa antecipa-se nessa noite com a participação do Grupo de Caretos no desfile noturno de Carnaval em Macedo (iniciativa do município, que se realiza de alguns anos a esta parte), contando agora com a presença de muitos dos emigrantes que uns dias antes ou no próprio dia vão chegando.

Domingo-Gordo é já dia de festa, e enquanto os turistas e visitantes se passeiam pela aldeia e participam nalgumas atividades paralelas do programa, os habitantes desfrutam do convívio familiar e vicinal. Em muitas casas, como nos restaurantes locais, ao almoço de domingo servem-se pratos tradicionalmente associados ao período de Carnaval, sendo o mais comum, o cozido de carnes de porco e de fumeiro, acompanhado por couves, batatas, rábano, ou “casulas secas” (vagens de feijão seco). É depois de almoço que os caretos começam a sair de suas casas e a percorrer as ruas da aldeia, concentrando-se normalmente num grande grupo que vai atuando mais ou menos em conjunto. É junto à Casa do Careto e no recinto da escola primária, que se concentra a maioria da população e de turistas. Os caretos, vão aparecendo em grupo ou isoladamente e chocalhando as pessoas, pulando, soltando gritos e dançando ao som das bandas entretanto convidadas a animar a festa (cuja composição inclui normalmente tambores e gaitas de foles). O percurso, mais ou menos desordenado dos caretos faz-se então a partir daí, subindo a rua central da aldeia, até ao largo principal e estendendo-se um pouco por toda a aldeia durante a tarde e até à noite.

O grupo principal é constituído pelos homens e rapazes que vão ao longo das ruas correndo e chocalhando as mulheres, assustando os que as acompanham, com gritos e pulos intimidatórios e fazendo pausas, convidados que são a entrar nas casas e adegas para beber. Pelo povo e entre os visitantes, numa espécie de ação secundária, circulam em menor grupo as crianças “facanitos”, pares de raparigas vestidas de “careto” e alguns grupos de “matrafonas” ou “marafonas”. Estes personagens, encarnados por jovens raparigas e às vezes alguns rapazes da aldeia, vestem normalmente “roupas de velha” (vestuário feminino antigo e de corte tradicional associado à vida rural), usando um lenço na cabeça e cobrindo a cara com uma renda, encenam pequenos números para-teatrais promovendo efeitos de “carnavalização”. Estão imunes às chocalhadas dos caretos, pelo que é comum que as raparigas da aldeia se vistam de “matrafonas” como forma de provocação, tornando-se assim num alvo inacessível. Servem por outro lado, quando encarnadas pelos rapazes, como um elemento de jogo gerador de riso, pela ridicularização proporcionada pela inversão de papéis de género, com a representação exagerada de algumas partes do corpo feminino e ainda pelo uso desordenado do vestuário feminil, como a lingerie e os saltos altos, por exemplo.

A festa prolonga-se pela tarde de domingo e até à noite, quando tem lugar uma refeição aberta a todos, a “Merenda à Transmontana” (composta por sopa, pão de trigo e carnes de porco assadas) a que se segue uma programação de animação musical e baile que inclui normalmente grupos de música popular e tradicional.

Segunda-feira, era um dia tradicionalmente de “pausa” na aldeia e, portanto, desde a elaboração dos primeiros cartazes da festa, era um dia com uma programação de atividades complementares mais “leve”. Mas dado o aumento da intensidade da festa no Domingo-Gordo, que por ser dia de fim-de-semana atrai muitos visitantes, o “pregão casamenteiro” habitualmente realizado domingo à noite passou a acontecer segunda-feira. Assim o programa da festa estende-se por três dias de Domingo a Terça-Feira, sem interrupções.

O “pregão” é organizado dias antes, por um grupo de homens e rapazes da aldeia que definem quem vão ser os casados e o que sobre eles irão dizer. No momento do pregão podem também surgir casamentos improvisados, sugeridos naquele momento, por um ou outro, por exemplo para incluir algum dos rapazes ou

raparigas "de fora" que tenham vindo à festa, e não fossem esperados. O pregão começa com o desfile da uma carroça de bois levando um par de mascarados de noivos, puxada pelos homens e rapazes, desde a Casa do Careto até ao largo da igreja. O grupo de homens e rapazes anuncia os casamentos do alto das escadas da igreja e cá em baixo a população e os visitantes assistem.

O pregão é anunciado através de "embudes" (grandes funis), começando um dos homens por dizer: «Palhas, alhas leva-as o vento!» ao que o grupo responde: «Oh, oh, oh...» O homem continua anunciando e o grupo respondendo:

O homem: «Aqui se vai formar e ordenar um casamento»

O grupo: «Oh, oh, oh...»

«E quem é que nós temos de casar?»

«Tu o dirás.»

«há de ser a filha de.... / que mora no bairro»

«Oh, oh, oh...»

«E quem é que nós temos de dar para marido?»

«Tu o dirás.»

«há de ser o filho de.... / que mora

«Oh, oh, oh...»

«E o que nós temos de dar de dote a ela?»

«Tu o dirás.»

«há de ser uma máquina de costura, porque ela é uma boa costureira.»

«E que é que nós temos de dar de dote a ele?»

«Tu o dirás.»

«há de ser uma terra ao Souto, para que não saia um de cima do outro.»

Este guião, de texto relativamente fixo, tem também sido adaptado pelos mais jovens ao contexto atual, oferecendo-se como "dotes", carros, Playstations e outras possibilidades modernas. Terminado o "pregão casamenteiro", a população regressa ao palco principal da festa, junto à Casa do Careto, onde continuam a decorrer as atividades do programa que terminará com a atuação dos grupos tradicionais de música e com a "queima" de um boneco que representa a figura do diabo e que antecipa a Queima do Entrudo da Terça-Feira de Carnaval.

O "pregão casamenteiro" é uma prática de sátira teatral comum em muitos carnavais rurais, e aqui, como que completa o jogo entre rapazes e raparigas da aldeia, iniciado pelo chocalhar dos caretos no dia anterior, ao mesmo tempo que gera um momento de desconstrução dos estatutos sociais, já que os "pregadores" aproveitam muitas vezes a oportunidade para destacar algum aspeto mais peculiar da personalidade dos casados, ou casando os pares contra os seus gostos, sobretudo das raparigas, expondo-os ao ridículo e gerando o riso coletivo.

Na terça-feira de Carnaval a festa decorre, com o ritual dos caretos e as atividades complementares, repetindo-se o que acontece no Domingo-Gordo. Neste dia, um dos novos momentos marcantes da festa é a "Queima do Entrudo". A Queima tem sido vivida na aldeia com grande entusiasmo, reunindo nesse momento o maior conjunto de moradores e de caretos. Retratada com espetacularidade pelos meios de comunicação social, a terça-feira de Carnaval atrai também um grande número de visitantes. A associação em 2004 iniciou esta queima de um boneco que figurava o diabo; mas nos últimos dois carnavais (2014 e 2015) esta figura passou a ser queimada à segunda-feira após o "pregão casamenteiro" e na terça-feira foi substituída por uma recriação de um mascarado típico de Podence. Erguido com uma estrutura de ferro e feito de vários materiais (palha, cartão, giestas) o "Mega Careto", impressiona pelo seu volume e altitude.

Assim, a festa encerra formalmente com a Queima do Entrudo ao final da tarde de terça-feira, antecipando por um lado o período de contenção quaresmal que tem início na quarta-feira de cinzas, e a partida dos familiares que regressaram para a festa. A partir desse momento, o grupo de caretos percorre indiferentemente, os cafés da aldeia, e casas de amigos e familiares, num ritual de visitação, convívio e comensalidade que se prolonga até à noite.

(1)"Careto" é a conversão de "careta" em palavra do género masculino, para designar o homem que usa máscara ("careta") no Entrudo ou Carnaval. A palavra "careta" é um diminutivo de "cara" que surge frequentemente no léxico popular associado às festas de mascarados do ciclo de inverno para designar a máscara.

(2)Também sucede ainda saírem à rua no Domingo Magro, quando nesse dia se realiza a feira mensal de Podence que ocorre no segundo domingo de cada mês. No passado era comum saírem durante todo o mês de janeiro aos domingos, percorrendo também as aldeias vizinhas.

(3)Inserindo-se num contexto mais alargado das festas europeias do período do solstício de inverno, Podence tem recebido visitas de vários historiadores, antropólogos, fotógrafos, e outros documentaristas estrangeiros.

(4)Para este fator contribuem também, por um lado, a situação geográfica favorável de Podence, que com acesso direto à autoestrada transmontana, se situa entre Macedo de Cavaleiros e Bragança, junto à Albufeira do Azibo, cuja praia fluvial é hoje destino de férias procurado por muitos turistas, e por outro o aparecimento de linhas de apoio financeiro para projetos de turismo habitacional no âmbito dos Quadros Comunitários de Apoio da União Europeia.

Manifestações associadas:

A festa de Carnaval de Podence inscreve-se num calendário festivo transmontano que coincide com o ciclo do inverno. Este conjunto complexo de festas é notado e descrito, no princípio do séc. XX, por José Manuel Alves, abade de Baçal, nas suas Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança: «Em muitas aldeias do concelho de Bragança, como Baçal, Sacoias, Aveleda, Varge, França e outras, os moços solteiros de dezasseis anos para cima, juntam-se no dia 26 de dezembro, festa de Santo Estêvão (em Baçal a reunião é a 6 de janeiro, festa dos Reis), chamam gaiteiro para os acompanhar na estúrdia; comem uma vitela comprada com o produto de trabalhos agrícolas, geralmente malhadas (debulha de centeio); percorrem a povoação mascarados e vestidos de fatos felpudos de variadas cores, em algazarra louca de gritaria ensurdecidora, soltando estrídulos hi, gu, gus» (Tomo IX). Mais adiante, o folclorista nota ainda: «A Festa dos rapazes em Baçal, Sacoias, Aveleda e Varge é semelhante nas suas modalidades e exibições, deixando perceber a mesma comunidade étnica e promanação histórica, denunciando nas suas origens primevas caráter mais antigo e

acentuadamente pagão. Nos outros povoados parecem visionar-se apenas os ágapes do primeiro século com Santo Estêvão por distribuidor dos mantimentos; aqui puramente o gentilismo.» (Tomó IX). Comparando-as depois ao género de festas que acontecem no Carnaval: «em geral, os festejos dos três dias em terras bragançanas são pelo teor da Festa dos Rapazes, atrás descritas, e correspondem às bacanais de março. Celebrizam-se por grandes comezainas, mascaradas e bailes. No Entrudo, come-se tudo, diz o rifão popular. A galhofa começa quinze dias antes, na Quinta-feira das comadres, oito dias depois é a Quinta-feira dos compadres, seguem-se o Domingo gordo, Segunda-feira gorda e Terça-feira de Entrudo, tudo dias perfeitamente pantagruélicos». Estas observações do Abade de Baçal revelam por um lado, uma preocupação em anotar as especificidades locais de cada festa ao mesmo tempo que cria “agrupamentos” tipológicos consoante a sua incidência no calendário e a sua relação com o calendário das celebrações religiosas, em particular as do Natal, e sugerem uma origem muito anterior à cristianização (e uma subsequente influência a partir da sua implementação), remetendo até para um contexto “selvático”, e ainda para os processos de “adaptação” a que estas festas terão estado sujeitas ao longo dos tempos. Efetivamente, este conjunto de festas que se estendem por grande número de aldeias transmontanas e se realizam ainda hoje (muitas em pleno processo de revitalização) em algumas aldeias dos concelhos de Miranda do Douro, Vinhais, Bragança e Mogadouro recaem com maior incidência nos períodos do final e princípio do ano, concentrando-se sobretudo no chamado “ciclo dos doze dias” entre o Natal e o Ano Novo e depois no Carnaval, com a festa dos caretos de Podence, onde estes personagens mascaradas interferem. De forma mais abrangente, este conjunto de festas do nordeste transmontano, são ainda congêneres de festas realizadas nas regiões fronteiriças a norte de Portugal, particularmente da Galiza e ainda de outras regiões europeias onde também ocorrem manifestações similares (França, Suíça, Hungria, Áustria, Alemanha, por exemplo), partilhando algumas das suas características e personagens, detalhes relacionados com a indumentária, datas do calendário (carnavais e festas religiosas do período natalício), e os rituais ou performances que protagonizam. Em Portugal, desde que se realizam os primeiros registos conhecidos sobre estas festas, que coincidem em descrições de um contexto rural agrário do final do século XIX até meados do século XX, as aldeias transmontanas sofrem alterações profundas na sua sociodemografia que alteram radicalmente as condições em que as comunidades procuram e se posicionam no sentido de se organizarem para a realização das festas. É sobretudo a partir da década de 60 que se assiste a uma forte quebra do vigor de várias destas festas e muitas desaparecem. As migrações para o litoral do país em busca de melhores condições de trabalho, a “retirada” massiva dos jovens rapazes das aldeias, para a guerra colonial e depois nos grandes movimentos emigratórios que se conhecem naquele período, deixam as aldeias sem protagonistas para as festas. Nas décadas seguintes, em muitos lugares, as festas perdem importância e significado, e noutras localidades há um certo grau de “emblemática” e “revitalização” da festa que conduz à sua continuidade através de adaptações, nomeadamente alargando a participação a crianças, adultos e raparigas. Iniciando-se no final dos anos 70, um longo processo de dinamização, de expansão e reconhecimento da festa a nível nacional e até um percurso de internacionalização, e de ampliação e incentivo da participação na festa dos descendentes migrados e emigrados, o Carnaval dos Caretos de Podence é hoje um referencial identitário da cultura local fundamental para a comunidade. Neste processo de “sobrevivência”, a festa de Carnaval dos Caretos de Podence, é promovida ao longo de todos estes anos pelos locais, que nela reconhecem valor patrimonial, e uma vital função dinamizadora da localidade, de forma ímpar em todo o território transmontano, estimulando também a continuidade de festas de mascarados congêneres e mais amplamente da valorização de outras manifestações de património imaterial por parte dos seus detentores.

Contexto transmissão:

Estado de transmissão activo

Descrição: A realização da festa de Carnaval é assegurada atualmente pela Associação do Grupo de Caretos de Podence que assume a sua organização formal e pelos residentes e descendentes da aldeia de Podence que nela participam livremente. Os requisitos para participação na festa estão vinculados aos laços familiares e afetivos dos naturais e descendentes da aldeia.

Apesar de só se constituir como organização associativa em 2002, o Grupo de Caretos constituiu-se informalmente no interior de outra associação em meados da década de 80 já com o objetivo de divulgar, impulsionar e garantir a realização anual da festa de Carnaval, que no final dos anos 70 corria riscos de desaparecer. Ao longo destas últimas três décadas a organização estruturada da festa estimulou também a participação dos locais, desde a confeção de fatos e máscaras, à colaboração na organização logística da festa e à integração de jovens caretos descendentes migrados e emigrados, e desse modo distantes daquela prática cultural festiva, proporcionando a sua transmissão inter-relacional contínua através do diálogo e da prática.

Tem contribuído também para a transmissão da manifestação a constituição de um espaço museológico, a Casa do Careto, que permite expor um conjunto de materiais que documentam a festa ao longo do tempo, promovendo assim um diálogo “interaudiências” (residentes, descendentes e visitantes) em torno dos contextos histórico-sociais que a festa foi atravessando.

O estudo e documentação da festa, a partir da década de 50, por investigadores das ciências sociais, historiadores e antropólogos, e, em particular, o registo fotográfico e audiovisual produzido nas últimas décadas, têm-se constituído como importantes acervos e fontes de transmissão da prática festiva. Estas fontes documentais permitem hoje, especialmente aos membros mais jovens da comunidade, visitar um tempo passado, conduzindo por vezes a uma recuperação e readaptação daqueles modos mais “originais” ou mais antigos de fazer a festa, particularmente no que respeita ao comportamento do careto, e dos elementos que materialmente caracterizam a festa, a máscara e o fato. Constituem-se assim, por vezes, como argumento que permite atestar, no interior da comunidade a “tradicionalidade” associada a determinado aspeto que estivesse esquecido. Por outro lado, esse relacionamento dos participantes com estas fontes traduz a pretensão da comunidade de garantir a reprodução contínua da festa nos moldes que lhe sejam característicos sempre e quando o contexto atual o permite.

Data: 2015

Modo de transmissão oral

Idioma(s): Português

Agente(s) de transmissão: Todos os residentes e seus descendentes, detentores de conhecimento sobre a Festa de Carnaval dos Caretos de Podence, podem ser considerados como agentes transmissores da manifestação.

Origem / Historial:

A festa de carnaval que tem, hoje, lugar na aldeia de Podence, insere-se num ciclo de festas de inverno que

acontecem um pouco por toda a região transmontana, e que são, segundo a literatura histórica, etnográfica e antropológica, de origem longínqua no tempo. De este conjunto de festas que ocorrem ao longo da raia nordestina, em várias aldeias dos concelhos de Miranda do Douro, Vinhais, Bragança e Mogadouro, recaem no calendário com maior incidência nos períodos do final e princípio do ano, concentrando-se sobretudo no chamado "ciclo dos doze dias" entre o Natal e o Ano Novo e depois no Carnaval. De resto, do pouco que se conhece sobre o passado histórico da festa de Carnaval dos Caretos de Podence dada a ausência de registos históricos e fontes documentais que reportem a períodos anteriores ao final do séc. XIX e princípios do século XX, o grau de parentesco dos caretos de Podence com outros personagens que habitualmente são protagonistas nas festas do final/princípio do ano, leva-nos a retomar a questão levantada por Benjamim Pereira (1973) de uma possível transferência do ritual no calendário festivo para o Carnaval.

De forma mais abrangente, este conjunto de festas do nordeste transmontano, são ainda congéneres de festas realizadas nas regiões fronteiriças a norte de Portugal, particularmente da Galiza e ainda de outras regiões europeias onde também ocorrem manifestações similares. Por exemplo, os "Narro" na (Alemanha), os "Roller" e os "Scheller" do Carnaval de Imst e os "Flinsert" mascarados do Carnaval de Bad Aussee (Austria), os "Buso" de Mohacs (Hungria), os "Mamutones" da Sardenha (Itália), os "Klauze" de Appenzell (Suíça), os "Kukeri" da Bulgária, os "ursos" e "cabras" da Roménia e da Polónia, ou os homens de palha da Eslováquia. De Espanha, "avizinham-se" a mascarados como os "Xinzo" de Limia ou os "Cigarrons" de Verín (Galiza), e do Carnaval de "Vijanera de Silió" (Cantábria), para nomear apenas alguns.

De facto, o uso das máscaras em diversas práticas rituais está presente um pouco por todo o mundo, como refere o renomado antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, dizendo que assumindo diversas funções e simbolismos, se estabelecem na sua utilização como formas intermediárias que representam uma relação entre extremos que nenhuma sociedade ignorou e que todas descrevem (1995). No Museu do Carnaval e da Máscara, em Binche, Bélgica, as festas europeias de inverno com máscaras são "desconectadas" da noção restritiva de Carnaval, no sentido da sua "forma lúdica" relativamente recente e específica das sociedades modernas da Europa (REVELARD: 1995). Distintas entre si, embora partilhando por vezes determinadas características, desde elementos materiais da indumentária, como por exemplo o uso muito frequente de chocalhos, a características performativas como o "ataque" (de algum modo) às mulheres como parte dos rituais, são coerentes na forma como se diferenciam dos carnavais urbanos de "desfile" e "paródia", e se enquadram essencialmente em contextos rurais.

Numa conotação remota com o comportamento nas festas de inverno de povos antigos, diversos são os autores e investigadores que as reportam aos povos de origem indo-europeia e aos cultos agrários, que veiculavam a determinados rituais com máscaras funções mágicas e utilitárias que promoviam a fecundidade e a regeneração da natureza. «A máscara é o mediador por excelência entre a sociedade e a natureza» (LÉVI-STRAUSS: 1995). Assim, a possibilidade da existência pré-histórica de celebrações do novo ano/novo ciclo produtivo, com rituais próprios levam os autores a inscrever as celebrações de inverno com máscaras, como herança de um tempo em que as populações conheciam e celebravam os "ritmos" da natureza, viviam essencialmente da pastorícia e da agricultura, e alimentavam a crença de que um ritual de fartura e excessos promoveria um novo ano de abundância.

Por outro lado, e apesar de não existirem evidências históricas e documentais, numa tentativa de documentação da manifestação, que assume como principal argumento uma relação baseada nas datas em que recai a festa, associam-na também a celebrações antigamente realizadas ao período de Carnaval. Vários são os autores e também os promotores a relacionar a sua proveniência com festas de épocas pagãs, e festividades do período clássico e depois como resultantes de aculturações e sincretismos entre eventuais "culturas" dos povos autóctones da península e diversos ocupantes celtas e/ou romanos. Estas relações referem, por exemplo, os usos da máscara utilizada em rituais celebrados na Grécia Antiga, em louvor a deuses da fecundidade, remetem ainda para os celtas que também desenvolveriam esta cultura ritual, de louvor aos deuses da abundância, com recurso às máscaras, e que ocupariam na Península Ibérica a parte norte atlântica e ocidental, deixando as suas marcas, apesar da «força dinâmica do classicismo romano» que depois ocuparia este território, de que são exemplo a persistência de «certas manifestações religiosas e artísticas em aculturação com as propostas civilizacionais romanas», resultando, «daí um amplo sincretismo na convergência do céltico com o romano também no norte do território hoje português, numa continuidade incrementada mesmo no período da cristianização» (Maciel:2008:185). São ainda, frequentemente referidas, por associação, relações com festividades que ocorriam na ancestralidade romana, sobretudo aquelas que se realizam em torno do final do ciclo de inverno princípio do ciclo da primavera, celebrando a regeneração da natureza e o retomar da abundância produtiva. É sobretudo a estas festas em honra do deus Pan, deus dos rebanhos e pastores e a divindade mais importante do séquito de Dionísio (Baco na mitologia romana), que se atribuem as origens das festas de carnaval, pela relação com os banquetes fartos, e com os exageros e liberdades consentidos a todos os membros da comunidade nesse período festivo. Além do apelo à fecundidade, num momento de renovação da natureza com a aproximação da primavera, estas festas tinham também uma função de purificação e expurgação das pessoas e das comunidades e eram já habituais os «rituais de crítica social institucionalizada e a sua divulgação na praça pública» (TIZA: 2004:256).

Assim como outras festas do ciclo do inverno os rituais "profanos" que se aproximam hoje do carnaval, e que a igreja encontraria no processo de cristianização, foram muitas vezes combatidos e considerados pagãos. Mantendo-se pela força da significância que os povos reconheciam a estes rituais a maioria destas festas foi "cristianizada", confluindo consoante a conveniência da igreja para as datas do calendário cristão e assumindo em muitos casos a celebração em honra de santos cristãos (Festas de Santo Estevão, Festas do Menino, por exemplo).

No caso, o Carnaval, ligado à Páscoa pela Quaresma, tem no calendário uma posição flutuante. Terá também sido por efeito da cristianização que estas celebrações ficaram conhecidas como Carnaval e Entrudo. Enquanto o significado etimológico da palavra Carnaval remete por um lado para o "adeus" à carne, sendo este significado de abstinência alimentar também aplicado à abstinência dos prazeres físicos, a que o período quaresmal que se lhe segue incita, remete por outro para uma justificação da licenciosidade e do exagero associado às comemorações do carnaval. Já a palavra Entrudo, remete para essa "porta" de entrada num novo ciclo, da vida espiritual cristã por um lado, e da natureza por outro, com a entrada na primavera.

Em Podence os personagens mascarados do Carnaval/Entrudo chamaram desde logo à atenção dos primeiros intentos de sistematização da etnografia portuguesa. Efetivamente, os primeiros registos documentais e a história oral permitem-nos retornar a um período em que a festa de Carnaval dos Caretos de Podence aparece num contexto sócio-económico profundamente centrado no ciclo agrícola. No início do século XX os caretos são brevemente referidos no quadro das festas de inverno pelo folclorista regional Abade de Baçal. Mais adiante, na década de 50, D. Sebastião Pessanha, museólogo, dando continuidade ao levantamento etnográfico das festas de mascarados transmontanos, iniciado por Santos Júnior e Martins Pereira, fala-nos em detalhe destas figuras, e refere já as particularidades da festa dos caretos de Podence que a tornam distinta das demais festas inseridas no ciclo de inverno em Trás-os-Montes:

«naquelas povoações de além Sabor, nem tudo é assim. O fato, muito mais rico, é composto por duas peças, casaco e calça, talhadas até de antiga colcha de “borboto” (...) ou então de pano liso e recamado de franjas de lã de várias cores. O casaco, abotoado na frente, tem um capuz que cobre inteiramente a cabeça e do qual pende, atrás, uma longa trança de lãs iguais às das franjas, a que dão o nome de “rabo”. Na cara, uma máscara de madeira, ou de lata, que nem sempre (...) tem a pretensão de representar o Diabo, não obstante assim se considerar o próprio mascarado. Desta maneira vestida e disfarçada, empunhando um pau, ou brandindo uma bexiga cheia de ar, esta personagem bizarra, que atemoriza as crianças e infunde respeito aos adultos, surge nas povoações, geralmente anunciada pela caixa de rufo, e tudo põe em completo alvoroço. Correrias desordenadas, saltos acrobáticos, cabriolas de todo o género, perseguições às raparigas mais incautas que teimam em vir à rua e que ele se agarra, não deixa de abraçar ou, menos cortês, de tentar açoítá-las no sítio mais indicado – de tudo isto faz o “careto”, que mesmo em pleno campo, quando se dirige de uma para outra aldeia, não deixa de correr, de saltar, de chocalhar, de descarregar golpes tremendos com a sua moça, como se estivesse em luta com um inimigo invisível, tal como decerto praticava, há dezenas de séculos, uma figura semelhante, cuja missão se esfumou no rodar do tempo». (1960:21-22).

Esta descrição reporta-nos, a um interior rural onde uma muita limitada mecanização do trabalho agrícola e uma enorme dependência económica das profissões tradicionais revela um contexto social de organização socioeconómica que se estrutura em torno dos ciclos agrícolas. Nesse contexto a festa de Carnaval, como celebração do final do inverno (período rígido e pouco produtivo) que antecede a entrada na primavera, mantém uma forte associação ao mundo agropastoril. Permanecem as tecnologias de tecelagem de colchas utilizadas para construção de fatos de careto, a pastorícia e a utilização da lã de ovelha e o seu tingimento natural. Permanecem os costumes que submetem os rapazes jovens a “provas” incluídas no ritual festivo e que lhes permitirão integrar o grupo de adultos - como saltos de varandas, janelas, correrias, forçar a entrada em casas, longas caminhadas a pé. O ritual festivo requer, dos seus protagonistas, a passagem de provas de natureza física, e a demonstração de resistência, coragem, e “atrevidimento”, estimulando a integração na comunidade, de grupo e o relacionamento ente os seus membros. Paralelamente a toda a ação do careto o objetivo e principal estímulo dos caretos que é a aproximação física às raparigas da aldeia, alimenta o mercado matrimonial interno.

Ainda na segunda metade do século, os “caretos” de Podence e as suas origens ancestrais são abordadas pelo poeta, dramaturgo e etnógrafo Azinhal Abelho. Nos anos 70, são objeto de pesquisas etnográficas de Ernesto Veiga e Benjamim Pereira, e em 1976 pela equipa cinematográfica de Noémia Delgado para o filme “Máscaras”.

Benjamim Pereira concluía assim a sua observação sobre o carnaval de Podence, na obra editada em 1973 “Máscaras Portuguesas”, onde ilustra grande parte do capítulo dedicado ao Carnaval com fotografias da festa dos caretos de Podence, dando-lhe indiscutível destaque no contexto das festas de Carnaval do país: «Em resumo, pois, do ciclo de Carnaval, entre nós, destacam-se os mascarados de Podence, nos quais, pela ação difusa da máscara e do traje – que aliás são perfeitamente idênticos aos dos mascarados transmontanos mais correntes da quadra do Natal (representando mesmo, possivelmente, a transferência de um anterior episódio, também ali natalício, para o Carnaval) – se opera, na imagem que deles se formou, uma transfiguração mágica, que consente as maiores loucuras e excentricidades, saltos de varandas e janelas para a rua, desafiando todos os riscos, protegidos e imunizados por essas forças obscuras que dimanam da máscara e do traje» (1973:134-136).

Transcorridos mais de trinta anos desde a edição daquela obra e das suas primeiras incursões no “território” das festas transmontanas com máscaras, Benjamim Pereira regressa (1999-2001) para organizar e coordenar a exposição “Rituais de inverno com Máscaras” do Museu Abade de Baçal em Bragança e o catálogo que a acompanhará, atualizando assim a sua descrição do ritual da festa dos caretos de Podence:

«Envergando vistosos fatos feitos de velhas colchas de fabrico caseiro, recamadas de franjas de lã colorida, com chocalhos pendentes da cintura, os mascarados aparecem no Domingo e Terça-Feira de Carnaval, percorrendo os caminhos da aldeia em correrias desordenadas, perseguindo as raparigas, sujeitando-as, quando conseguem agarrá-las, a sevícias mais ou menos atrevidas e a batidelas com os chocalhos, por meio de um golpe de rins, numa simulação do ato sexual. No Domingo à noite, do cimo da torre ou do adro da igreja “contratam casamentos” anunciando-os através de embudos. Esses casamentos exploram sempre os aspetos mais ridículos, incôngruos ou melindrosos da esfera amorosa das nomeadas, caricaturados através dos dotes desse noivado simbólico, feitos pelos rapazes à revelia das raparigas» (2006:34-35). Este ritual singular, que já esteve extinto da festa dos caretos de Podence, foi recuperado, em data incerta, e é uma das “formas fundamentais da vindicta popular em Portugal”, registada pelo etnógrafo Ernesto Veiga de Oliveira (1984). Aquela observação de Benjamim Pereira em 2001 atesta a vitalidade de uma manifestação, que este autor tinha visto cair numa quase extinção nas décadas de 60 e 70, como reconta ao investigador Paulo Raposo (2010, p. 15-16): «As festas de inverno, na generalidade dos casos, acusavam um franco declínio. Podence era uma das raras aldeias em que as cerimónias que envolviam mascarados mantinham uma certa vitalidade, sustentada sobretudo por um forte sentido de agressão erótica. As raparigas eram objeto de fortes perseguições e, quando apanhadas, sujeitas a duras sevícias. Por isso estas refugavam-se nas casas umas das outras, aparecendo nas janelas em jeito provocatório. Os homens intentavam atingir esse reduto e, a este propósito, o lendário nutria-se de histórias incríveis, com as saltos que provocavam quedas aparatadas sem conseqüências desastrosas, graças ao estatuto singular que imunizava a personagem mascarada».

As imposições de um regime ditatorial, a retirada das aldeias, dos protagonistas da festa, os rapazes que partiam para a guerra colonial, a emigração massiva, provocada por uma alteração veloz das condições de vida

no contexto rural, e ainda o decréscimo populacional, são as condicionantes que transformam os contextos da festa (não só a carnavalesca), nas aldeias do interior do país e que quase apaga por completo os caretos de Podence, no decurso das décadas de 60 e 70.

São estas alterações do contexto social e económico do território rural, onde estas festas tinham parte funcional, que fazem com que as populações percam o "sentido" da sua realização.

É neste contexto de mudança do "cenário" da festa dos caretos de Podence, que o filme de Noémia Delgado rodado em 1976, regista apenas três mascarados a saírem à rua naquele dia de terça-feira de carnaval. O filme teve assim, um importante impacto na comunidade local dando origem a uma revalorização da tradição.

É o antropólogo Paulo Raposo que observando os caretos de Podence (1999-2008), saírem do seu "habitat natural" para fazer "representações" da festa dos caretos além das fronteiras transmontanas, coloca questões sobre a revitalização da tradição e os seus contextos de mudança, permitindo-nos compreender o contexto atual da festa, particularmente com a edição em 2010 de Por detrás da máscara: Ensaio de Antropologia da Performance sobre os Caretos de Podence.

Diz o antropólogo que «As soluções utilizadas nas mascaradas são sempre soluções culturalmente enquadradas. E, portanto, a transformação dos seus contextos evoca necessariamente mudanças no contexto da festa. Novas condições económicas, sistema de valores em transformação, impõem contemporaneamente festas sujeitas a processos de folclorização, readaptações contextuais, refuncionalizações simbólicas e reinvenções culturais. E esse é, obviamente, o espectro que contextualiza também o carnaval de Podence» (2006:84).

Não existindo, portanto, aquele contexto arcaico e comunitário do mundo rural a festa transforma-se num evento cultural, que chama e atrai audiências – já não só locais. «Este novo enquadramento da festa decorre afinal de um recontextualização da ruralidade e da interioridade arcaizante com que a comunidade se pensa agora e com que se revê no passado» diz Raposo (2006:84). «Aos poucos a consciência de que esta nova autorrepresentação da identidade local, pensada através da festa, se poderia traduzir num ganho efetivo para a comunidade, tem levado, ironicamente, à cristalização da tradição numa espécie de produto de arte étnica. (...) a ironia é que a tradição preserva-se sobretudo enquanto comercializada e mercantilizada. O papel dos media, das instituições de turismo regional e local, operam inclusive uma mudança na representação social que a aldeia faz de si própria e das suas "tradições" – agora positivadas, porque arcaicas e seculares, e não já fruto de um atraso civilizacional» (2006:86-87) diz ainda Paulo Raposo, transmitindo-nos a ideia de que a "tradição" ou o "património" são assim a memória de um passado que se repensa e "reimagina" no presente – e «"reimaginar" reforça a ideia de que as identidades e as culturas não são imaginadas de uma vez por todas, mas que são constantemente recriadas» (2006:90).

É pois, na sequência destas transformações, e num contexto sócio-político pós-ditadura, e com o nascimento da uma associação cultural em 1985, a Associação de Melhoramentos, Festas e Feiras (de que mais tarde surgirá a Associação do Grupo de Caretos de Podence) que se assiste ao "reaparecimento" dos caretos, à recuperação de fatos e máscaras e à produção de novos. O grupo participa então numa enorme diversidade de eventos e festejos por todo o país e no estrangeiro, divulgando a festividade. Fatos e máscaras são hoje património móvel e imaterial associado a esta manifestação, revelando-se a tarefa artesanal de fazer fatos e máscaras um saber fazer promovido pelas sucessivas celebrações do carnaval.

A divulgação da festa é feita essencialmente pela Associação do Grupo de Caretos, ramificando-se pelas diversas formas de comunicação nas atuais plataformas digitais, num programa onde se inserem uma série de atividades paralelas destinadas a atrair um cada vez maior número de visitantes, em colaboração com uma série de entidades predominantemente locais incluindo a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

Hoje, a festa é participada por caretos de idade e estado civil "variado" e já não apenas pelos rapazes solteiros, havendo até participação dos mais pequenos, a que chamam "facanitos" e de raparigas envergando fatos de careto dos pais, tios ou irmãos. A participação das raparigas é relativamente tolerada e permitida pela também relativa espontaneidade da organização das saídas dos "caretos" pelas ruas da aldeia. O objeto principal das investidas chocalheiras dos caretos é também mais amplo, abrange tanto as mulheres solteiras como as casadas, residentes, turistas ou visitantes da aldeia. Os mascarados, não são apenas os residentes na aldeia, e sim os seus descendentes com ligações familiares e atuais à localidade, que habitando em localidades e cidades próximas ou ainda estando emigrados noutros países, regressam por altura da festa para participar no Carnaval. Os caretos saindo à rua, no Domingo Gordo e na Terça-Feira de Carnaval, chocalham, gritam e amedrontam, saltando e correndo desenfreadamente pelas ruas da aldeia, empoleiram-se ainda nas varandas e entram nalgumas casas da aldeia, onde muitas vezes são convidados a comer e beber, exibindo, no entanto, um comportamento mais moderado do que em décadas anteriores, e que se revela mais adequado ao cenário atual da festa, mantendo bem viva a manifestação.

Direitos associados:

Tipo	Circunstância	Detentor
Direito Consuetudinário	Os direitos coletivos relativos à Festa de Carnaval dos Caretos de Podence são de tipo consuetudinário, consistindo na definição do modo específico como se realiza o ritual festivo em Podence.	São detentores dos direitos relativos à Festa de Carnaval dos Caretos de Podence a comunidade de residentes e descendentes da aldeia de Podence.

Responsável pela documentação:

Nome: Patrícia Alexandra Nunes Cordeiro sob a orientação científica do Dr. Paulo Jorge Pinto Raposo
 Função: Patrícia Alexandra Nunes Cordeiro: socióloga (Edições Imaginarium, Macedo de Cavaleiros); Paulo Jorge Pinto Raposo antropólogo professor e investigador (ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa)
 Data: 2015-05-29
[Curriculum Vitae](#)
[Declaração de compromisso](#)

Fundamentação do Processo: [ver fundamentação do processo](#)

◀ RECUAR

No. of inventory: INPCI_2017_001
Field: Social practices, rituals and festive events
Category: Cyclic festivities
Name: Carnival Festival of the Caretos of Podence

Other names: Carnival of Podence, Caretos of Podence, Shrove Tuesday of the Caretos, Entrudo Chocalheiro (Jingling Shrove Tuesday)

Type of context: The Carnival Festival of the Caretos of Podence is part of the masquerade festivals during the winter cycle, which are associated in Portugal with the Northern region of the country and mainly happen at Christmas, New Year and Carnival. This ritual event has its origin in the so-called “long time” whereby life is organised according to the pace of the agrarian cycle, and is linked to the celebratory festivities of the end of the winter cycle and the beginning of the spring productive cycle, performing a role of restoration of the natural and social order in those agrarian communities. Unique among other Carnival festivals in other regions of the country and adapted to a post-rural socio-economic context, the Carnival Festival of the Caretos of Podence has its own features thanks to its constituent elements - the mask and the costume -, the behaviour that characterise the ritual and the players, the masked figures, known as “caretos”, and their current social role, all of which have a distinct and special format.

Social context: Community(ies): Residents and descendants of the village of Podence
Group(s): Grupo de Caretos de Podence (Association)
Individuals: Masked figure/careto

Geographical context: Location: Podence
Parish: Podence
Municipality: Macedo de Cavaleiros
District: Bragança
Country: Portugal.
NUTS: Portugal \ Mainland \ North \ Alto Trás-os-Montes

Timeframe: Periodicity: Annual
Date(s): It takes place between Fat Sunday and Shrove Tuesday which precedes Easter Sunday by 47 days, while the dates for the Carnival celebrations are set from 3 February to 9 March.

Brief description: The Carnival Festival of the Caretos of Podence is characterised by the specific behaviour of its masked players, the “caretos”. In their “sorties” (usually over the three days of Carnival), the caretos go around the village with the main objective of rattling the women. This festive ritual, which is also characterised by conviviality between neighbours, friends and relatives, was in the past, according to the memories of the village's older residents, essentially enacted by single boys and men who targeted young girls and single women; it had, therefore, a propitiatory role, as a rite of passage of erotic and sexual undertones.

As a result of deep changes in the socio-economic context of rural areas, the social and demographic profile of the caretos of Podence underwent adjustments that helped the festival to survive and live on. Today, the careto costumes are donned by boys and men of various ages, regardless of their marital status. Also nowadays, children take part in the ritual, masked as “facanitos” (small knives), taking on the role of the caretos' apprentices, and as a result of the empowerment of women in Portuguese society, the involvement of girls is increasingly permitted. Most players in the festival are also, for demographic constraints, emigrants and migrants, as this is a time in which families and neighbours get together and share feelings of cultural and territorial belonging. In this sense, the festival promotes an inter-generational dialogue which has been behind its transmission and strengthened its continuity.

With the aim of preserving the event and ensuring its practical continuance, a group of Caretos of Podence was created in the mid-1980s, which is usually called upon to make appearances, on several occasions throughout the year, in other festive contexts or at other events diversified in nature, such as popular feasts, parades and stage performances in Portugal and abroad. These appearances are a form of dissemination and promotion that anticipates the Carnival festival, while fostering an increasing identification of the festival as a symbol of “Portuguese traditional culture” that attracts many visitors.

Today, the village is visited during Carnival by people from neighbouring villages and towns, friends and relatives, curious Portuguese tourists from all over the country and even foreign visitors.



16 images

Throughout the three days of the Carnival celebrations in Podence, there is a parallel programme of activities, such as exhibitions, which explore the festival's theme, a market of regional products and traditional music concerts both for the community and for tourists and visitors.

Detailed description: The Carnival festival in Podence is specifically characterised by the caretos' "sortie" (1), the name by which the masked boys and men are known, who run and jump around the village during this festive period (usually between Fat Sunday and Shrove Tuesday (2), and whose main purpose, in their masked characters, is to jingle the cowbells hanging from their waist at the girls, and bump them with their rhythmic hip movements. Jingling and running around, the caretos also try to "intimidate" any unmasked men, mainly by hitting them on the face with the fringes on the tail of the hood they wear. This festive ritual is also characterised by conviviality between neighbours, friends and relatives, so while the caretos are out and about on the village streets, some residents will open their doors or cellars, plying each other with food and drink, mainly home-made wine, bread and traditional smoked meats. These masked figures, taking advantage of the excesses they are permitted, also play some Carnival "pranks", such as the occasional theft of a sausage or throwing ashes at people, among other harmless rollicking, such as for instance the "cacadas" whereby they unexpectedly lob food inside the houses (such as walnuts or flour).

Their most typical behaviour, the "jingling" motions, interpreted as a simulation of the sexual act, represents one of the most original dimensions of this festival. This festive ritual was in the past, according to the recollections of the village's older residents and some ethnographic texts, essentially enacted by single boys and men who targeted young girls and single women. The implicit eroticism in the cowbell jingling of the caretos, considerably less aggressive today, is recounted by the older people who recall the festival in the mid-20th century as a form of physical contact between boys and girls, which was totally barred to them at other times of the year by the social order and the moral customs they had to abide by. Nowadays, within a context of freer behavioural and social relations, the onslaught on the girls and women persists, either as a way to maintain the traditional characteristics of the festival or to enjoy the freedom and licence that are accorded the caretos to this day.

It was this typical teasing/erotic behaviour of the caretos of Podence that would come to represent the marked difference of gender roles established in the context of rural agrarian societies (much more diluted today) and which still prompts some "resistance" to girls also dressing as caretos, even though their involvement is increasingly accepted. The older people, mostly, claim that the participation of girls contributes to the continuity of the tradition, while others criticise female involvement as "irreverent", fearing for the loss of its traditional character. This informal internal debate in the community (not just limited to female participation, but also to the caretos' performance, among other characteristic or organisational issues) could be understood as an effort to adapt and continue an old tradition in modern times. This context also opened the door to the participation of boys and men of all ages, regardless of their marital status, or of village descendants who were born elsewhere, and also children who play the role of apprentices called "facanitos", putting on costumes and masks identical to the adults'.

Similarly, the doors opened to an audience from outside the village as well, taking the caretos' interaction to new spectators. Currently, the village is visited during the feast days by people from neighbouring villages and towns, friends and relatives, curious Portuguese tourists from all over the country, from neighbouring Spain and even from further afield (3). Any woman attending the festival, regardless of her marital status or age, or her place of residence, is the target of the cowbell jingling.

Today, the features of this festive Carnival ritual are implicitly related to the changes in the Portuguese rural world, especially the recomposition of the social fabric and the local economy from the mid-20th century. Up to then, taking account of a socio-economic organisation of the rural environment focused on agriculture and traditional crafts, the erotic content that characterises the Podence Carnival ritual and the abundance of food at meals during the festivities, could also be interpreted in the light of the anticipation of the renewal/regeneration of Nature and the return of abundance in the new agricultural cycle that starts with spring.

Today, the population of Podence is increasingly removed from the agricultural and forestry activities that used to be their sole source of work and income. Permanent residents are mostly old, so retirement pensions are a great proportion of their income. Agriculture is usually complementary to this income. Furthermore, population movements are not just limited to depopulation. In addition to emigrants and migrants who return seasonally or to those who returned over the last 20 years to settle for their retirement days, the vast majority of the active population residing in Podence works outside the village, in neighbouring towns, mainly in jobs in the service sector. There are also those who live in the region and come back at weekends. There is, therefore, a new context, whereby the village is more open to the outside and relies on the economic flows resulting from these movements of its population. Permanence and change are features of the festival, reflecting an exchange between this context of change and the population's will to uphold the tradition.

Working as a benchmark of the historical and social background of the community's recent past for descendants and residents, the festival promotes reunion and strengthens the social ties between its permanent residents and its descendants. For example, the periodic return of the migratory population is, in many cases, a commitment to the survival of the festival, recognised by the community as a specific symbol of the culture and identity of the village. The increased number of caretos who have participated in the festival over the last two decades is positively linked to the seasonal return of migrants at Carnival time and to the store they set by it. Moreover, the interest of social science researchers, the media, tourists and onlookers has also strengthened this link between the community and its celebratory heritage, consequently increasing local initiatives during the annual enactment of the festival.

In the 1980s, a group of caretos of Podence was created within the Associação de Melhoramentos de Festas e Feiras (Association for the Improvement of Feasts and Fairs), which took legal status as an association in 2002. Adopting as their mission the promotion and dissemination of the Carnival tradition, the Group of Caretos of Podence has participated since the 1980s in a wide range of events all over the country and abroad. In 2004, a museum venue opened in the village, Casa do Careto (House of the Careto), housed in the former premises of the primary school, displaying a number of typical elements of the festival, such as costumes, masks and the traditional looms used in their making. The space (open to the public all year round) is also the association's headquarters, as well as an auditorium and gallery, occasionally showing documentary films on the festival and exhibiting collections of paintings and photographs on this ritual. The Group has also taken on over time the more formal organisation of a number of activities taking place during the feast days, both for the community and for tourists and visitors.

In fact, the preparations for the festival begin in the previous year, with the planning of this programme of parallel activities which are currently held over the three days of the festive ritual of the Carnival of Podence. The organisation and planning of this programme, which includes concerts, a market of regional produce, tastings of local gastronomy, walking tours and donkey rides, amongst other activities, is the responsibility of the Association of the Group of Caretos of Podence and relies on the voluntary involvement, which intensifies as the festival draws closer, of various people from the village, as well as on the logistic and financial support of Macedo de Cavaleiros City Council. These preparations include, amongst other things, the setting-up of a marquee in the grounds of the primary school, with a stage and tables, for concerts and for serving a few community meals; the setting-up of stalls for the market of regional produce, the reorganisation of the Casa do Careto space to undertake specific activities planned for the festive period (new exhibitions, the opening ceremony of the event, etc.), the construction and assembly of the "doll" for the "Queimada" (a spirit served on Sunday evening) and the "Shrove Tuesday Burning".

The stronger organisation and the diversification of the festival programme, especially since the Casa do Careto opened in 2004, have also driven new economic dynamics of local initiative, such as the reconstruction of empty houses to develop rural tourism projects (4) and the handcrafted production of certain objects associated with the festival, such as masks mostly made in the village, but also elsewhere, and other merely decorative objects, postcards or figurines of caretos to be sold at Casa do Careto, especially on feast days. These small activities begin a few months before Carnival also as preparation for the festival.

Throughout the year the Group of Caretos of Podence is often called upon to make appearances in other festive contexts or at other events of a varied nature, such as popular feasts, parades and stage performances in Portugal or abroad. These appearances are a form of dissemination and promotion that anticipates the Carnival festival in Podence, while fostering an increasing identification of the festival as a symbol of “Portuguese traditional culture”.

In this sense, the name “Entrudo Chocalheiro” (Jingling Shrove Tuesday) derives from an initiative of the Association of the Group of Caretos to single out the festival’s “brand” image, so that it would stand out from other Carnival or masquerade festivals and become more identifiable and recognisable, because of this simple name, both by the media and by tourist operators. For the general public, the name “Entrudo Chocalheiro” is relatively new, although not totally alien. Besides this name, the festival is usually referred to as “Carnival of Podence”, Shrove Tuesday of the Caretos or simply Caretos of Podence.

In parallel, throughout the year, the costumes and masks to be used over Carnival are also prepared. The costumes and masks are a core component of the festival since they are distinctive material elements which confirm one of the unique aspects of the festival claimed by the population. As such, both the abovementioned changes in the village’s socio-economic environment and the formal creation of the Group of Caretos of Podence and the subsequent media and tourist representation of the festival, have had an impact on the uniformisation of the costumes and masks. On the one hand, the greater availability of funds and material resources means that the caretos can currently “order” costumes and masks, whereas before they were made by themselves or with the “help” of relatives and friends, only using materials available in the village. This limited availability of resources caused variations which also depended on the resourcefulness and creativity of each maker, especially with regard to masks.

While today the red painted tin mask, sometimes with black contrasts or details (beard, moustache, eyebrows or crosses, perhaps suggesting Christian symbols, which the population generally attributes to the transfiguration of the masked man into a diabolic character) is the most commonly associated with the careto of Podence in the recent past (as evidenced, for instance, by the masks on display at the National Ethnology Museum and by testimonials from the older village people), the masks were traditionally made from metal scraps (using, for example, fuel containers), wood, cork or leather (e.g. cobblers’ waste).

The costumes, too, characterised by rows of colourful sheep wool fringes, dyed by hand, and by effects based on home-made bedspreads (a typical Trás-os-Montes pattern) woven in the village, started to be made in other materials (e.g. synthetic wool and bedspreads in varied patterns, bought at the market), as a result of scarce and/or disused traditional resources. However, in making the costumes, the known “original” design is kept, and the more common colours today are yellow, green and red, suggestive of the Portuguese flag (alongside these, we can also find blue, pink or black in some older costumes).

The making of costumes and masks throughout the year is also a practice that gives rise to, and strengthens relationships of mutual help. The costume in particular, more labour-intensive than the mask, is usually made by several “hands”. The process begins with the purchase of the bedspread and the wool, then the fringes are made by hand or in small vertical looms, the costume is cut and sewn (this is done by seamstresses today, outside the village, after the only dressmakers’ shop in the village shut down) and ends with the hand “fringing” (sewing the fringes onto the costume). So, until completed, the costume might include the work of various people (in the village or elsewhere).

The natural impetus that this handmade costume and mask making gets from the annual Carnival festival is still extremely important to the local revitalisation around the festival and the sharing of knowledge about this know-how. The producers of masks and fringes have acquired over time the status of artisans and are, therefore, seen collectively as the community members who hand down a deeper understanding of the festival and the traditional elements associated

with it.

However, due to the emigration of the majority of the population and the ageing of the residents, the labour available in the village does not rely on outside help. The Association of the Group of Caretos of Podence has played a mediation role here and, in response to requests from emigrants, it has also outsourced costume making from other artisans in the region (e.g. seamstresses from Miranda do Douro, who usually make other regional costumes).

As for the production of masks, which are easier to make and can require only one person, it is still mostly done by the village artisans who make them for the caretos, but also for sale during the festival to tourists and visitors as souvenirs. The making of the masks, since they are a simpler, more personalised element of the costume, also suggests greater relational dynamics between older and younger residents; this is both because younger men try to replicate traditional features associated with the old costumes and need the knowledge of their seniors (this is the example of a young man who recently restarted making leather masks, made in the past by his grandfather), and because, as they introduce small variations, they “modernise” the mask design and even innovate with regard to production techniques (as in the previous example, whereby the leather masks are treated in new ways, such as the use of paint, with less usual colours, such as green, yellow or black, and the use of new tools).

The careto costume is completed by two shoulder straps with bells that cross on the front and back, and a set of 4 to 8 cowbells hanging from the waist. These elements, also hand-made and mainly from the Alentejo region today, produce the sound that is associated with the caretos, in their running around and jingling. Alone or in groups, the caretos create a certain original “musicality” that follows the rhythms of their physical movements, e.g. announcing their arrival or their lively jingling at people.

Sometimes, the caretos’ performance is also supported by a cane or a stick with a rounded, protruding tip, which they use to lift their bodies as they jump, in order to reach the rods of smoked meats and steal a sausage, or just to “rollick” and make some noise.

The masks, costumes, cowbells, and canes or sticks, are also elements that are handed down from generation to generation and are lent to relatives, friends and neighbours, usually circulating among several village households during the festival and/or from one year to the next.

Some weeks before the festival, preparations intensify, both in terms of its more formal promotion, such as printing, distribution and dissemination of the festival poster, and its more informal aspects, such as planning the return of relatives or patching up costumes and repainting masks.

On the Saturday, the day before the festival starts, preparations are finalised, with all the action taking place in the grounds of the primary school where the marquee for concerts and meals is set up, and in the Casa do Careto, where the “dolls” to be burnt are put up, and the oxen cart prepared for the “matchmaking street cries”. The festival is brought forward to this evening with the participation of the Group of Caretos in the night parade at Macedo (an initiative of the City Council which has been held for a few years now), attended today by many emigrants who arrive a few days before or on the very day.

Fat Sunday is already a feast day and, while tourists and visitors walk around the village and get involved in some parallel activities, the residents fraternise with their relatives and neighbours. In many houses, as in local restaurants, dishes traditionally associated with Carnival are served for Sunday lunch, the most common being meat and sausage stew, accompanied by cabbage, potatoes, horseradish or “casulas secas” (dry bean pods). It is after lunch that the caretos set out from their homes to roam the village streets, usually amassing into a large group which more or less acts together. Casa do Careto and the grounds of the primary school are where most residents and tourists concentrate. The caretos start appearing alone or together, jingling at people, jumping, shouting and dancing to the sound of the bands invited to liven up the festival (which usually include drums and bagpipes). The more or less disorderly itinerary of the caretos starts there and then, going up the main village street to the village green and spreading out across the whole village during the afternoon and evening.

The main group comprises the men and boys who go along the

streets, running and jingling their bells at women, scaring their companions, with intimidating shouts and leaps, and pausing occasionally, when they are invited into the houses and cellars to drink. A smaller number of children, the “facanitos”, pairs of girls dressed as caretos and some groups of “matrafonas” or “marafonas” circulate among the population and the visitors, in a kind of sideshow. These characters, typically young village girls but sometimes a number of boys too, usually dress in old women’s clothes, with traditional rural-style cuts, wearing a headscarf and covering their faces with lace, and act out short theatrical numbers with a Carnival flavour. They are immune to the caretos’ cowbell jingling, so it is normal for village girls to dress as “matrafonas” as a way to provoke and make them an unreachable target. On the other hand, when played by boys, they work as a humorous ploy, taking advantage of the ridicule of inverted gender roles, with the overstated representation of some parts of the female body and the disorderly use of female clothes, such as lingerie and high heels.

The festival extends into Sunday afternoon and evening, when an open meal is served, the “Merenda à Transmontana” (composed of soup, wheat bread and pork roasted meats), followed by a programme of music and dance, which usually includes popular and traditional music bands.

Monday used to be traditionally a day of rest in the village, so the programme of activities was “lighter”, as the early posters testify. However, as the festivities on Fat Sunday intensified, being a holiday and therefore attracting many visitors, the “matchmaking street cries”, usually on Sunday evening, moved to Monday. Therefore, the festival programme now continues uninterrupted for three days from Sunday to Tuesday.

The “street cries” are organised days in advance by a group of village men and boys who define who the people are who will be matched and what they will say about them. During the street cries, matchmaking may also be improvised, suggested on the spur of the moment by someone, to include for instance a boy or a girl from outside who has come unexpectedly to the festival. The street cries start with an ox cart parading, carrying a masked bride and groom, and pulled by the men and the boys from the Casa do Careto to the churchyard. The group of men and boys announces the matches made from the top of the church steps, watched by the populace and visitors below.

This announcement is made using “embudes” (large funnels), with one of the men saying: “Dry leaves are blown in the wind!”, to which the group replies: “Oh, oh, oh...” The man goes on announcing and the group replies:

The man: “A marriage will be made and ordered here.”

The group: “Oh, oh, oh...”

“And who shall we marry?”

“You say.”

“It shall be... the daughter of... / who lives in the neighbourhood...”

“Oh, oh, oh...”

“And who shall we give her for a husband?”

“You say.”

“It shall be... the son of.../who lives...”

“Oh, oh, oh...”

“And what dowry shall we give her?”

“You say.”

“It shall be a sewing machine because she’s a good seamstress.”

“And what dowry shall we give him?”

“You say.”

“It shall be a plot of land in Souto, so they’re always on top of each other.”

This fairly fixed script has also been adapted by the younger people to the current context, offering as “dowries” cars, playstations and other modern gadgets. Once the “matchmaking cries” are over, the population moves to the festival main stage, by the Casa do Careto, where the programme activities continue, ending with the performance of the traditional music bands and the “burning” of a doll representing

the devil and anticipating the “Shrove Tuesday Burning”.

The “matchmaking street cries” are a practice of theatrical satire common to many rural Carnival celebrations, and here it sort of completes the play between the village boys and girls, which begins the day before with the caretos’ bell jingling, while it provides an opportunity to demolish social statuses, as the “street criers” often bring out some particular trait of the people they are marrying, or they marry couples against their will, especially girls, opening them up to ridicule and arousing collective laughter.

On Tuesday, the festival continues with the caretos’ ritual and the complementary activities, mirroring what happened on Fat Sunday. On this day, one of the new, important moments of the festival is the “Shrove Tuesday Burning”. This event has been embraced in the village with great enthusiasm, bringing together the largest number of residents and caretos. Portrayed by the media in spectacular fashion, Shrove Tuesday also attracts a large number of visitors. In 2004, the Association initiated this burning of a doll representing the devil; however, in the past two Carnivals (2014 and 2015), the burning of this figure took place on the Monday after the “matchmaking street cries” and on Tuesday it was replaced by the recreation of a masked figure typical of Podence. Erected using an iron structure and made up of various materials (straw, cardboard, broom), the volume and height of the “Mega Careto” is always impressive.

The festival formally closes with the Shrove Tuesday Burning in late afternoon on Tuesday, anticipating both the Lent period of restraint, which starts on Ash Wednesday, and the departure of those relatives who came back for the festivities. From then on, the group of caretos go around the village cafés and the homes of friends and relatives, in a ritual of visitation, conviviality and partaking that extends into the night.

- (1) "Careto" is the conversion of the word "careta" into the masculine gender to mean the man who uses a mask (“careta”) on Shrove Tuesday or at Carnival. The word “careta” is a diminutive of “cara” (face) which is frequently found in the popular lexicon associated with masquerade feasts in the winter cycle to mean a mask.
- (2) They also happen to take to the streets on Lean Sunday, when the monthly market of Podence, which takes place on the second Sunday of each month, falls on that day. In the past, they used to take to the streets during the whole of January on Sundays, also visiting neighbouring villages.
- (3) As part of a broader context of European festivals in the winter solstice period, Podence has been visited by several historians, anthropologists, photographers and other foreign documentary makers.
- (4) The favourable geographic location of Podence is a contributing factor to this, since it is situated between Macedo de Cavaleiros and Bragança, with direct access to the Trás-os-Montes motorway, close to the Azibo Reservoir, whose river beach is today a much sought-after tourist holiday destination, as is the emergence of credit facilities for rural tourism projects under the European Union Community Support Frameworks.

Associated events: The Carnival Festival of Podence is part of a calendar of festivities in Trás-os-Montes which coincides with the winter cycle. This complex set of festivities was recorded and described in the early 20th century by José Manuel Alves, the Abbot of Baçal, in his *Archaeological and Historical Memoirs of the District of Bragança*: “In many villages in the municipality of Bragança, such as Baçal, Sacoias, Aveleda, Varge, França and others, bachelors of 16 and up get together on 26 December, the Feast of St. Stephen (in Baçal this get-together takes place on 6 January, the Twelfth Night Festival), call upon a bagpiper to accompany them in their folly, eat a veal bought with the proceeds of farm work, usually rye threshing, walk around the village in masks and dressed in fleecy costumes of varied colours, making a wild, deafening racket and shouting shrill *hi, gu, gus*.” (Volume IX). Further on, the folklorist continues: “The Festival of the Boys of Baçal, Sacoias, Aveleda and Varge is identical in its forms and performances, suggesting the same ethnic community and historical origins, showing an older, markedly pagan nature in its ancient beginnings. In the other villages, only the agapes of the 1st century seem to be discerned, with St. Stephen as distributor of victuals, pure paganism in this case.” (Volume IX). Then, comparing them to the kind of feasts occurring at Carnival: “In general, the three-day festivities in the region of

Bragança are similar to the Feast of the Boys mentioned earlier and correspond to the March bacchanals. They are famous for their abundant meals, masquerades and balls. On Shrove Tuesday, one eats everything, as the popular saying goes. The fun starts fifteen days earlier, on Godmothers' Thursday, a week later is Godfathers' Thursday, followed by Fat Sunday, Fat Monday and Shrove Tuesday, all of which are utterly Pantagruelian days." These observations by the Abbot of Baçal reveal, on the one hand, a concern with noting the local specifics of each festival, while creating typological "groupings" according to their place in the calendar and their relationship with the calendar of religious celebrations, especially Christmas, and on the other hand, they suggest an origin far preceding Christianity (and a subsequent influence after their implementation), referring even to a "wild" context and the "adaptation" processes undergone by these festivals over time. Indeed, these festivals, which extended to a large number of Trás-os-Montes villages and are still held today (many under a full process of revitalisation) in some villages of the municipalities of Miranda do Douro, Vinhais, Bragança and Mogadouro, most often occur at the end or beginning of the year, mainly concentrated in the so-called "twelve-day cycle" between Christmas and New Year or at Carnival, with the festival of the Caretos of Podence, in which these masked characters feature. More broadly, this set of festivals in the Northeast of Trás-os-Montes is also similar to feasts held in border areas to the north of Portugal, particularly in Galicia, and other European regions, where there are similar events (e.g. France, Switzerland, Hungary, Austria, and Germany), sharing some of the same features and characters, costume details, calendar dates (Carnival and Christmas-time religious feasts), and the rituals or performances they stage. In Portugal, ever since these festivals were recorded, which concur in describing an agrarian rural context from the late 19th century to the mid-20th century, the Trás-os-Montes villages underwent deep changes in social and demographic terms which drastically transformed the conditions under which communities organise themselves to hold these festivals. It is mainly from the 1960s that a decline can be seen in the strength of many of these feasts, with some actually dying away. Migration to the coastal areas of the country in search of better working conditions, the massive conscription of young men from the countryside for the colonial war and, later, the great emigration movements of this period, left the villages devoid of participants in the festivals. Over the following decades, the feasts lost importance and meaning in many places, and in others there is a certain degree of "emblematising" and "revitalisation" of the feast which leads to its survival by means of adaptations, notably by extending participation to children, adults and girls. A long renewal, expansion and recognition process of the feast at national, and even international, level started in the late 1970s, with the widening and encouragement of migrant and emigrant descendants to participate, and the Carnival of the Caretos of Podence is today an identity reference for the local culture, which is key to the community. Under this "survival" process, the Carnival of the Caretos of Podence has been promoted all these years by locals who acknowledge its heritage value and vital role in the community dynamics, unique in the whole region, also stimulating the continuity of similar masquerade festivals, and more generally of the value given to other expressions of intangible heritage by their promoters.

Transmission context: Active transmission status

Description: The Carnival festival is promoted annually by the Association of the Group of Caretos of Podence, which organises it formally, and by the residents and descendants of Podence who take part in it freely. The requirements to participate in the festival are connected to family and affective ties of the village natives and descendants.

Although it only acquired legal status as an association in 2002, the Group of Caretos took shape informally within another organisation in the mid-1980s, already with the aim of disseminating, promoting and ensuring the annual implementation of the Carnival festival which was at risk of disappearing in the late 1970s. Throughout these three decades, the structured organisation of the festival encouraged the participation of the locals, from costume and mask making to logistical cooperation and the integration of young caretos from migrant and emigrant descendants, who were removed from this festive cultural practice, and this favoured its continuous inter-relational transmission through dialogue and practice.

The establishment of a museum, Casa do Careto, has also contributed to the transmission of the event, since it displays a number of materials documenting the festival over time that fosters an "inter-audience" dialogue (residents, descendants and visitors) around the historical and social contexts that it has gone through.

The study and documentation of the festival from the 1950s by social science researchers, historians and anthropologists and, in particular, the photographic and audiovisual records produced over the last few decades, have become an important wealth and a source of transmission of the festive practice. Today, these documentary sources help the younger members of the community, in particular, to revisit the past, and lead sometimes to the recovery and re-adaptation of older or “more original” ways of feasting, especially with regard to the careto’s behaviour and the material elements that characterise the festival: the mask and the costume. Sometimes, they also provide evidence of one or another aspect that might have been forgotten, thus playing a role of safeguarding the tradition within the community. Moreover, the relationship of the participants with these sources reflects the wish of the community to ensure the continuation of the festival in keeping with its typical form as long as the current context permits.

Date: 2015

Method of transmission: oral

Language(s): Portuguese

Transmission agent(s): All residents and their descendants, the holders of knowledge on the Carnival Festival of the Caretos of Podence, can be considered as the event’s transmissions agents.

Origin/History: Today, the Carnival Festival at Podence is part of a winter cycle of festivities that takes place across the Trás-os-Montes region and its origins, according to historical, ethnographic and anthropological literature, can be traced far back in time. This set of festivals, which take place along the North-eastern border in various villages of the municipalities of Miranda do Douro, Vinhais, Bragança and Mogadouro, most often occur at the end or beginning of the year, mainly concentrated in the so-called “twelve-day cycle” between Christmas and New Year and then at Carnival. Indeed, from what little is known about the historic past of the Carnival festival of the Caretos of Podence, in view of the absence of historical records and documentary sources dating back to the late 19th century and early 20th century, the degree of kinship of the caretos of Podence with other characters that usually feature in feasts at the end or beginning of the year leads us to reconsider the question raised by Benjamim Pereira (1973) of a possible transfer of the ritual in the festive calendar to Carnival.

In broader terms, this set of festivals in North-east Trás-os-Montes is also similar to festivals held in border regions in northern Portugal, particularly Galicia, and other European regions where similar events take place. For example, the “Narro” in Germany, the “Roller” and the “Scheller” of Carnival at Imst and the masked “Flinserl” of Carnival at Bad Aussee (Austria), the “Buso” of Mohacs (Hungary), the “Mamutones” of Sardinia (Italy), the “Klauze” of Appenzell (Switzerland), the “Kukeri” of Bulgaria, the “bears” and “goats” of Romania and Poland, and the straw men of Slovakia. In Spain, they are kin with such masked figures as the “Xinzo” of Limia and the “Cigarrons” of Verín (Galicia), and the Carnival of “Vijanera de Sillió” (Cantabria), to mention just a few.

Indeed, the use of masks in various ritual practices is present all over the world, as the renowned French anthropologist Claude Lévi-Strauss states, when he says that, taking on a diversity of roles and symbolisms, they emerge in terms of use as intermediary forms representing a relationship between extremes which no society has ignored and all describe (1995). In the Carnival and Mask Museum in Binche, Belgium, the European masked winter feasts are “unconnected” to the restrictive notion of Carnival, in the sense of their relatively recent “entertainment function”, specific to modern European societies (REVELARD: 1995). Different from each other, although sometimes sharing certain features, from material costume elements, e.g. the very frequent use of cowbells, to performance characteristics, such as the (sort of) “onslaught” on women, as part of the rituals, they are coherent in the way in which they stand apart from urban carnivals based on “parades” and “parody” and essentially fit rural environments.

Within a remote connotation with the behaviour of ancient peoples at winter festivities, various authors and researchers trace them back to peoples of Indo-European descent and to agrarian cults, which assigned magical and utilitarian roles to certain rituals that promoted fertility and the regeneration of nature. “The mask is the mediator par excellence between society and nature” (LÉVI-STRAUSS: 1995). Therefore, the possible pre-historic existence of celebrations at the

new year/new productive cycle, with their own rituals, lead authors to ascribe masked winter celebrations to the legacy of a time when populations knew and celebrated the “rhythms” of nature, lived essentially off livestock husbandry and farming, and entertained the belief that a ritual of plenty and excesses would promote a new year of abundance.

On the other hand, although there is no historical or documentary evidence, in an attempt to document the event whose main argument is a relationship based on the dates of the festival, they are also associated with celebrations formerly held during Carnival. Various authors and promoters link their origin to festivals of pagan eras and festivities in the classical period, and later as the result of acculturations and syncretisms between possible “cultures” of peninsular autochthonous peoples and diverse Celtic and/or Roman occupants. These relationships refer, for instance, to the uses of masks in rituals celebrated in Ancient Greece, as praise to the gods of fertility, and they refer back to the Celts who also developed this ritual culture of praise of the Gods of abundance, using masks, and who occupied the northern Atlantic and western parts of the Iberian Peninsula, leaving their mark, despite the subsequent “dynamic force of Roman classicism”; an example of this is the persistence of “certain religious and artistic manifestations which were an acculturation of the civilisation proposed by the Romans”, resulting “in a wide syncretism in the convergence of Celtic and Roman attributes also to the north of the land which is today Portugal, which continued to grow into the period of Christianisation” (Maciel:2008:185). Relationships with festivities in ancient Rome are also often referred to, by association, mainly those held around the end of the winter cycle and beginning of the spring cycle to celebrate the regeneration of nature and the return of productive abundance. It is mainly to these celebrations in honour of the god Pan, the god of flocks and shepherds and the most important deity in the entourage of Dionysus (Bacchus in Roman mythology), that the origins of Carnival festivals are ascribed for their link to rich banquets and the excesses and liberties allowed every member of the community during that festive time. Besides appealing to fecundity, at a time of renewal of nature as spring drew closer, these feasts also had a cleansing and expurgating role of the people and the communities, where the “institutionalised social critique rituals and their bringing to the public arena” were already a fixture” (TIZA: 2004:256).

Like other winter cycle festivities, the “profane” rituals that are akin to Carnival today and which the Church would find while in the process of Christianisation, were often combated and seen as pagan. Surviving out of the forceful significance people attached to these rituals, most of these festivals were “Christianised”, being redirected, as suited the Church, to the dates of the Christian calendar and, in many cases, taking the form of celebrations in honour of Christian saints (e.g. the Feast of St. Stephen, the Feasts of the Child Jesus).

In the present case, Carnival, linked to Easter by Lent, has a movable position in the calendar. It was also under the influence of Christianisation that these celebrations became known as Carnival and Shrove Tuesday. While the etymological meaning of the word Carnival refers, on the one hand, to the “farewell” to the flesh, a sense of abstention from food also applied to abstinence from physical pleasures which the subsequent Lent period encourages, on the other hand, it refers to a justification of licence and excess associated with Carnival celebrations. In turn, Shrove Tuesday refers, on the one hand, to the gateway to a new cycle in Christian spiritual life and, on the other, to the entry into spring.

In Podence, the Carnival/Shrove Tuesday masked characters were among the first to fall under the focus of the early attempts to systematise Portuguese ethnography. Indeed, the first documentary records and oral history lead us to envisage a period when the Carnival Festival of the Caretos of Podence emerged in a socioeconomic context deeply rooted in the agricultural cycle. In the early 20th century, the caretos were briefly mentioned by the regional folklorist, the Abbot of Baçal, in the context of winter festivities. Later on, in the 1950s, D. Sebastião Pessanha, a museologist, continuing the ethnographic survey of the Trás-os-Montes masquerade feasts, begun by Santos Júnior and Martins Pereira, speaks in detail about these figures and the specifics of the festival of the Caretos of Podence which make it different from other festivals of the winter cycle in the province:

“In these villages beyond the Sabor not everything is like this. The

costume, much richer, is made of two pieces, jacket and trousers, cut from old “bobble” bedspreads (...) or in plain fabric, edged with woollen fringes in various colours. The jacket, buttoned up in front, has a hood that covers the head entirely, from which a long braid hangs on the back in the same wools as the fringes, which they call a “tail”. On the face, a wooden or tin mask which does not always intend to represent the devil, even though the masked man considers himself to be one. Dressed and disguised in this way, brandishing a stick or a bladder full of air, this bizarre character, who frightens children and commands the respect of the adults, appears in the villages, usually announced by a drum, and wreaks havoc everywhere. Crazy running around, acrobatic jumping, all manner of cavorting, chasing the most unsuspecting girls who make a point in coming out, and who, if he grabs them, he will hug or, less politely, smack wherever appropriate - the “careto” will do all this, and even when travelling from one village to the next, he will still run, jump, jingle his bells, dealing terrible blows with his club, as if fighting with an invisible enemy, just as a similar figure had done, dozens of centuries ago, whose mission was lost in time. (1960:21-22).

This description takes us back to a rural interior where the very limited mechanisation of farm work and a high economic dependency on traditional jobs reveal a social context structured, in economic and social terms, around agricultural cycles. In this context, the Carnival festival, as a celebration of the end of winter (a harsh, not very productive period) that precedes the start of spring, maintains a strong link to the agro-pastoral world. The bedspread weaving technologies used to make the Careto costumes, livestock husbandry and the use of sheep's wool and its natural dyeing remain, as do the customs that subject young men to “tests” as part of the festive ritual, which will allow them to join the group of adults - such as jumping from balconies, windows, running around, forcing entry into homes, and long walks. The festive ritual requires from its players success in physical tests and the demonstration of strength, courage and “daring”, stimulating their integration into the community, as a group, and the relationship between its members. Alongside the caretos' actions, their objective and main incentive, i.e. their physical approach to the girls, feeds the internal marital market.

In the second half of last century, the “caretos” of Podence and their ancestral origins were addressed by the poet, playwright and ethnographer Azinhal Abelho. In the 1970s, they are the theme of ethnographic research by Ernesto Veiga and Benjamim Pereira, and in 1976 by the film crew of Noémia Delgado for the film “Máscaras” (Masks).

Benjamim Pereira concluded his observation on the Carnival of Podence, in his work published in 1973 “Máscaras Portuguesas” (Portuguese Masks), in which he illustrates a large part of the chapter on Carnival with photographs of the caretos of Podence, giving them clear prominence in the context of Portuguese Carnival festivals, with these words: “So, to summarise the Carnival cycle among us, of particular note are the masked figures of Podence which, for the widespread action of the mask and the costume - quite identical, indeed, to those of the more common Trás-os-Montes masked figures at Christmas (even possibly representing the transfer of an earlier Christmas event to Carnival) - operate, through the image formed of them, a magical transfiguration that consents to the greatest follies and eccentricities, jumps from balconies and windows onto the street, defying all dangers, protected and made immune by those obscure forces that emanate from the mask and the costume.” (1973:134-136).

More than thirty years after the publication of this work, and its initial inroads into the “territory” of Trás-os-Montes masked festivals, Benjamim Pereira returned (1999-2001) to organise and coordinate the exhibition “Winter Rituals with Masks” for the Abade de Baçal Museum in Bragança, and the accompanying catalogue, updating his description of the ritual of the festival of the caretos of Podence as follows:

“Donning flashy costumes made from old home-made bedspreads, fringed in colourful wool, with cowbells hanging from their waists, the masked figures come out on Carnival Sunday and Tuesday, running disorderly around the village streets, chasing girls, subjecting them, when they manage to grab them, to more or less sassy abuse and knocking with their cowbells, or with hip movements that simulate the sexual act. On Sunday night, from the top of the tower or the churchyard, they “arrange marriages”, announcing them through funnels. These marriages always exploit the most ridiculous,

incongruous or delicate aspects of the love life of the named girls, caricatured through the dowries of these symbolic engagements, made by the boys over the heads of the girls.” (2006:34-35). This unique ritual, which was once wiped out from the festival of the caretos of Podence, was recovered at an uncertain date, and is one of the “fundamental forms of popular retribution in Portugal”, as the ethnographer Ernesto Veiga de Oliveira (1984) recorded. The observation by Benjamim Pereira in 2001 attests to the virility of an event that the author had seen falling into near extinction in the 1960s and 1970s, as the researcher Paulo Raposo (2010, p. 15-16) recounts: “In most cases, winter festivals were in serious decline. Podence was one of the rare villages where the ceremonies involving masked figures kept a certain vitality, mostly sustained by a strong sense of erotic aggression. The girls were doggedly chased and, when caught, subjected to harsh abuse. So, they would take refuge in each others’ houses, appearing at the windows teasingly. The men tried to join them, and this resulted in incredible legendary stories about assaults that caused momentous falls with no serious consequences thanks to the unique status that made the masked figure immune.”

The impositions of a dictatorial regime, the departure from the villages of the festival players, the boys who left for the colonial war, massive emigration, caused by rapid change to living conditions in the rural space, and the decrease in population are the factors that transformed the festival settings (not just Carnival) in Portuguese inland villages, which nearly extinguished the caretos of Podence, in the 1960s and 1970s.

These are the changes to the social and economic context in the rural areas where these festivals played a functional role, causing populations to lose the “sense” of how they were organised.

It is within this context of change of the “setting” of the festival of the caretos of Podence that the film by Noémia Delgado made in 1976 only records three masked figures taking to the streets on that Carnival Tuesday. The film had a major impact on the local community, leading to the revitalisation of the tradition.

It was the anthropologist Paulo Raposo who, on seeing the caretos of Podence (1999-2008) leave their “natural habitat” to enact the festival of the caretos beyond the Trás-os-Montes borders, raised the issue of revitalising the tradition and its changing contexts, allowing us to understand the festival’s current context, in particular with his 2010 paper “Por detrás da máscara: Ensaio de Antropologia da Performance sobre os Caretos de Podence (Behind the mask: Anthropological Essay on the Performance of the Caretos of Podence).

As the anthropologist states, “The solutions used in the masquerades are always culturally fitting solutions. So, the transformation of their contexts necessarily evokes changes to the festival setting. New economic conditions, and a changing system of values, determine today festivals that are subject to folklorisation processes, contextual adaptations, new symbolic approaches to function and cultural recreations. This is obviously the background which also provides context for the Carnival of Podence.” (2006:84).

Therefore, since the ancient, community rural context is no longer there, the festival becomes a cultural event which attracts and appeals to audiences - no longer just local. “This new framework of the festival is, after all, the result of a new contextualisation of rurality and archaic interiority against which the community thinks itself now and identifies itself in the past,” Raposo states (2006:84). “Gradually the awareness that this new self-representation of the local identity, thought out through the festival, could mean an effective gain for the community, has ironically led to the crystallisation of the tradition in a kind of ethnic art product. (...) the irony is that the tradition is preserved mainly through its marketing and commoditisation. The role of the media and the regional and local tourist institutions, actually effects a change in the social representation that the village makes of itself and its “traditions” - now established because of their ancestry and secularity, and no longer the product of some civilisational backwardness,” (2006:86-87) Paulo Raposo goes on to say, conveying the idea that “tradition” or “heritage” are thus the memory of a past that is rethought and “re-imagined” in the present – and “re-imagining” reinforces the notion that identities and cultures are

not imagined once and for all, but constantly recreated.” (2006:90).

It is, therefore, following these changes and against a post-dictatorship social and political backdrop, that with the emergence of a cultural association in 1985, the Association for the Improvement of Feasts and Fairs (which later gave rise to the Association of the Group of Caretos of Podence) we see the “re-emergence” of the caretos, the recovery of costumes and masks and the making of new ones. The group then disseminated the festival, by taking part in a wide variety of events and festivities throughout the country and abroad. The costumes and masks are today a movable, intangible heritage associated with this event, and the traditional craft of making costumes and masks is a know-how that successive Carnival celebrations have fostered.

The dissemination of the festival is essentially carried out by the Association of the Group of Caretos of Podence, branching out into the various means of communication on current digital platforms, within a programme that includes a diversity of parallel activities designed to attract an increasing number of visitors, in cooperation with several organisations, mostly local, including Macedo de Cavaleiros City Council.

Nowadays, the festival features caretos of “varied” ages and marital statuses, not just single boys any longer, and the little ones, the so-called “facanitos”, and girls dressed in their fathers’, uncles’ or brothers’ costumes also participate. The participation of girls is fairly tolerated and permitted because of the relatively spontaneous organisation of the caretos “sorties” out to the village streets. The main aim of the caretos’ jingling onslaughts is also wider, covering both single and married women, whether they are local, tourists or visitors. The masked figures are not just village residents, but also their descendants with current family ties to the place who live in nearby villages and towns or have emigrated to other countries and return at the time of the festival to take part in the Carnival. The caretos take to the streets on Fat Sunday and Shrove Tuesday, they jingle, shout and frighten, jumping and running frantically around the village streets, they perch on balconies and enter some village houses, where they are often invited to eat and drink, albeit behaving more restrainedly than in previous decades, which is more becoming in the present context of the festival, keeping the event well alive.

Associated rights:	Type	Circumstance	Holder
	Customary law	The collective rights over the Carnival Festival of the Caretos of Podence are of a customary nature, consisting of the definition of the specific manner in which the festive ritual of Carnival is organised.	The holder of the rights over the Carnival Festival of the Caretos of Podence is the community of residents and descendants of the village of Podence.
Person responsible for documentation:	Name: Patrícia Alexandra Nunes Cordeiro under scientific guidance by Dr. Paulo Jorge Pinto Raposo Role: Patrícia Alexandra Nunes Cordeiro: sociologist (Edições Imaginarium, Macedo de Cavaleiros); Paulo Jorge Pinto Raposo, anthropologist, teacher and researcher (ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa) Date: 29/05/2015 Curriculum Vitae Declaration of commitment		
Rationale of the process:	see rationale of the process		